

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO  
RIO DE JANEIRO

BACHARELADO EM PRODUÇÃO CULTURAL

THAMIRES TRIANON RODRIGUES DOS SANTOS

**UM OLHAR ESPECIAL SOBRE O BURACO:  
UM ESTUDO DE CASO SOBRE A PRODUÇÃO CULTURAL E ARTÍSTICA NA  
BOATE BURACO DA LACRAIA**

IFRJ – NILÓPOLIS

2016

THAMIRES TRIANON RODRIGUES DOS SANTOS

**UM OLHAR ESPECIAL SOBRE O BURACO:  
UM ESTUDO DE CASO SOBRE A PRODUÇÃO CULTURAL E ARTÍSTICA NA  
BOATE BURACO DA LACRAIA**

Projeto apresentado à coordenação do Curso de Bacharel em  
Produção Cultural como cumprimento parcial das exigências  
para conclusão do curso.

Orientador: Prof. Dr. Jorge Luís P. Rodrigues | Caê

IFRJ – NILÓPOLIS

1º SEMESTRE/ 2016

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO  
RIO DE JANEIRO  
CAMPUS NILÓPOLIS

BACHARELADO EM PRODUÇÃO CULTURAL

THAMIRES TRIANON RODRIGUES DOS SANTOS

**UM OLHAR ESPECIAL SOBRE O BURACO:  
UM ESTUDO DE CASO SOBRE A PRODUÇÃO CULTURAL E ARTÍSTICA NA  
BOATE BURACO DA LACRAIA**

Monografia apresentada à coordenação do Curso de Bacharelado em Produção Cultural, como cumprimento parcial das exigências para conclusão do curso.

Aprovada em \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2016.

Conceito: \_\_\_\_\_ (\_\_\_\_\_).

Banca Examinadora

---

Prof. Dr. Jorge Luís P. Rodrigues | Caê (orientador/IFRJ)

---

Prof. Dr. João Luiz Guerreiro (IFRJ)

---

Prof. Msc. Ana Luisa Lima (IFRJ)

---

Prof. Esp. Renata Silencio (Suplente/IFRJ)

Dedico este trabalho a toda população LGBT do Brasil e ao Curso Bacharelado em Produção Cultural.

## *Agradecimentos*

Gostaria de agradecer infinitamente à minha mãe, que acreditou no meu progresso e no meu futuro desde o início, dizendo que eu era “seu maior investimento”. Com os seus incentivos, tive estímulo para seguir o sonho de ter uma profissão que pudesse transbordar o objetivo de marcar minha presença no mundo em benefício da sociedade.

Agradeço ao meu pai por seu esforço e esmero para manter o apoio financeiro para meu estudo e sustento, por todos os anos até quase o fim desta graduação. E também a todos os familiares que, de alguma forma, me ajudaram a chegar até aqui.

À minha irmã e hoje sócia, Jéssica Santiago, que me apresentou ao curso de produção cultural.

Agradeço, ainda, a paciência e o amor de minha companheira de vida e muito amada Sara Machado, que me deu apoio e atenção enquanto desenvolvia esta pesquisa.

Ao meu amigo e zelador de santo, João Carlos de Xangô, que cuida espiritualmente de mim e me acalmou com suas palavras de alento “assim como cada grão de areia que no mundo existe, será a quantidade de felicidade e prosperidade em sua vida”.

Agradeço ao meu orientador Jorge Caê, que acatou minhas ideias e, sem desperdiçar um instante sequer de meu esforço, me guiou até o resultado deste trabalho do qual me orgulho muito.

Ao amigo Daniel Zandonadi pela boa vontade e generosidade em ceder seu tempo para garantir a revisão do uso da língua portuguesa neste trabalho.

A todos os professores que passaram em minha trajetória acadêmica, lembro de quase todos e de seus ensinamentos, muito em especial a: Sueli Ferreira Pinto, Claudia Smanioto Castilho, Lucínea de Almeida, Marianne Cozzolino Enokibara, Monalisa Castilho, Jaqueline de Andrade Coutinho, Antônio Manoel Gonzáles, Renata Silêncio, Raquel Silva, Ana Luisa Lima, Tiago Monteiro, Fernanda Delvalhas Piccolo, Suéle Maria e Tadeu Mourão.

Aos meus mentores de profissão Alexandre Boccanera Amatto, Julia Schaeffer, Flávia Reis, Claudia Marques, entre outros produtores brilhantes que eu já conheci.

Meus amigos e colegas de curso, em especial: Joseph Andrade, Sluchem Cherem, Nathaly Avelino, Sabrina Veloso, Talita Magar, Saulo Martins, Ana Beatriz Silva, Raphaela Machado, Leonardo Florentino, Gisele Souza, entre muitos outros.

Aos responsáveis pela criação do IFRJ e seu projeto de ampliação do acesso ao ensino superior. Graças a essa instituição, consegui chegar a uma graduação, coisa inimaginável para minha família. Este curso ajudou em minha formação, não somente quanto a minha profissão de produtora cultural, como também minha identidade política enquanto mulher e lésbica.

Ao Sr. Adão Arezo pela generosidade. Ao elenco do Buraco da Lacaia (Luis Lobianco, Sidnei Oliveira, Éber Inácio, Leticia Guimarães e Simone Mazzer) pela amizade, atenção e cumplicidade. Mais uma vez à Éber Inácio, que foi a minha porta de entrada para o Buraco da Lacaia: muita gratidão pela lembrança e pelo convite. Aos amigos que fiz na boate, que são muito mais que isso e fazem de nós a Família Buraco.

**Resumo:** Este trabalho pretende demonstrar através de um estudo de caso como intervenções artísticas podem afetar positivamente um espaço. Em questão, descreveremos as intervenções realizadas na boate LGBT Buraco da Lacreia há pouco mais de 4 anos e como elas interferiram na dinâmica da casa e seus arredores.

**Palavras-chave:** boate, gay, LGBT, Buraco da Lacreia, intervenção, artística, produção cultural.

**Abstract:** This work aims to demonstrate through a case study how artistic interventions can positively affect a space. Particularly, we describe the interventions in the Buraco da Lacreia GLBT nightclub for four years and how they interfere with the dynamics of the house and its surroundings.

**Key words:** nightclub, gay, LGBT, Buraco da Lacreia, intervention, artistic, cultural production.

## SUMÁRIO

<b>1 – INTRODUÇÃO</b> .....	9
<b>2 - UMA PARTE DO UNIVERSO DAS BOATES E CASAS NOTURNAS LGBT NO RIO E SÃO PAULO</b> .....	11
<b>3 – BURACO DA LACRAIA, O “INFERNINHO” DA LAPA</b> .....	19
<b>4 – “O INFERNINHO QUE VIROU POP”</b> .....	27
<b>5 – CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	40
<b>ANEXO 1 – ROTEIRO DOS SHOWS</b> .....	43
<b>Pocket Abertura Simone Mazzer</b> .....	43
<b>Buraco da Lacreia Dance Show</b> .....	43
<b>Buraco da Lacreia Cabaré On Ice</b> .....	44
<b>ANEXO 2 – ENTREVISTAS</b> .....	45
<b>- Luis Lobianco, em 7 de janeiro de 2016</b> .....	45
<b>- Leticia Guimarães, em 16 de fevereiro de 2016</b> .....	51
<b>- Adão Arezo, em 8 de março de 2016</b> .....	57
<b>- Conceição Drummond, em 11 de março de 2016</b> .....	65
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	68



## ***1 – INTRODUÇÃO***

*E*ste trabalho pretende demonstrar através de um estudo de caso como intervenções artísticas podem afetar positivamente um espaço. Especificamente, descreveremos as intervenções realizadas na boate Buraco da Laceria há pouco mais de 4 anos e como elas interferiram na dinâmica da casa e seus arredores.

O caso Buraco da Laceria é um microcosmo para o trabalho de produtores culturais responsáveis e atentos às questões de gênero, representatividade, empreendedorismo, produção teatral, produção de eventos, resistência cultural entre muitos temas que permitem leitura através das lentes que o espaço nos oferece.

A cidade do Rio de Janeiro é um organismo vivo e, assim como nossa cultura, é dinâmica e instável. Estudar um espaço que resiste às mudanças de toda a sorte ao longo de quase três décadas é importante para demonstrarmos a capacidade de reinvenção dos empresários, dos espaços de lazer e, mais atualmente, como nos últimos quase quatro anos um movimento artístico pôde fortalecer ainda mais este espaço.

Mas que arte é essa que está longe dos espaços nobres da cidade?

As condições de produção no nosso país também se refletem nesse prisma. Falar sobre a dificuldade de se produzir arte sem o apoio dos editais públicos, sem um grande patrocinador, sem investimento externo é praticamente o assunto de toda uma nova geração de artistas. Desamparados pelo sistema de fomento à cultura criado há mais de duas décadas (Lei Rouanet/1991), os novos artistas tentam outros modos de produção para não serem reféns das leis de incentivo, e os *shows* “Buraco da Laceria Dance Show” e “Buraco da Laceria Cabaré On Ice”, assim como muitos produtos independentes, são exemplos disso.

Nesta tarefa de pesquisa, a tentativa de organizar a experiência obtida através da observação para, desta maneira, poder conectar a boate aos conhecimentos sobre produção cultural é uma contribuição necessária a uma área de estudos ainda muito carente de trabalhos que abordem dentro de si uma metalinguagem. A produção cultural ainda tem poucos produtores que falam sobre ela e assim, por maior que seja a contribuição dos trabalhos da área, o distanciamento da vivência é, a meu ver, uma dificuldade. Por isso, esta monografia é uma busca de sistematização do conhecimento adquirido em pouco tempo de uma carreira e uma síntese de diversos temas relevantes para a produção cultural.

O Buraco da Lacraia ganha com esta pesquisa mais uma forma de marcar sua existência na história da cidade. O nome da casa é conhecido até de quem nunca a frequentou. É quase uma lenda urbana — há sempre alguém que já ouviu falar. Este estudo busca desmistificar, eliminar preconceitos, agregar informação e registrá-la dentro de uma pesquisa acadêmica.

Há ainda apreciação da oportunidade desse trabalho ser realizado enquanto o fenômeno ainda está ativo. Conversar com os protagonistas deste caso, com os participantes e frequentadores. Pessoas que fazem parte e ajudam a contar a história possibilitam que esse estudo seja feito o mais próximo possível do que é apresentado para cada um desses agentes. Compreender melhor a dinâmica do Buraco fará com que seja possível entender outras produções de maneira referencial ainda que com respeito à unidade de cada projeto.

Quando fui convidada para fazer parte da equipe de produção do Buraco da Lacraia, nunca poderia imaginar o que se passava naquele local. Para mim, tratava-se de uma boate com uma péssima reputação, mas que contava com um *show* interessante.

Hoje, após pouco mais de dois anos de trabalho e observação, consigo dizer com clareza que o que acontece ali é um movimento artístico muito forte. Uma ocupação artística que ajuda a boate a resistir.

A casa passava por grandes dificuldades antes dos *shows*, como o perigo da falência. A partir da presença de artistas, que também eram frequentadores, a casa mudou seu público e conseguiu vencer a crise. Aqui busco compreender como uma intervenção artística pode modificar um ambiente no imaginário de um público e cativar novas visões.

O estudo contará com levantamentos bibliográficos em livros, artigos, periódicos e também de pesquisa digital, para obter informações específicas inerentes ao contexto sociocultural, bem como levantamento em fontes primárias — pesquisa de campo — com a realização de entrevistas.

No capítulo 1, temos uma contextualização sobre as boates e casas noturnas que envolvem o universo LGBT, dentre as quais se destaca a estrela o Buraco da Lacraia. Mas é uma estrela que ainda não se extinguiu e que ainda se consome. Enquanto no capítulo 2, nos aproximamos da história da casa para só então, no capítulo 3, chegarmos ao recorte principal, a ocupação artística que ajuda a casa a sobreviver em tempos em que manter um espetáculo em cartaz por quatro anos sem patrocínio é quase um milagre teatral. Vamos adentrar o Buraco!

## **2 - UMA PARTE DO UNIVERSO DAS BOATES E CASAS NOTURNAS LGBT NO RIO E SÃO PAULO**

*E*sta pesquisa parte de uma pergunta (assim como muitas pesquisas): como uma boate sem nenhuma publicidade e sem nem um luxo consegue manter-se aberta depois de tantos anos? Apesar de a cidade do Rio de Janeiro ser conhecida como uma cidade *gay friendly*, ela não dispõe de muitos espaços dirigidos essencialmente a esse público. E poucos conseguem realizar o feito de se manterem abertos depois de alguns anos. Não é o caso do Buraco da Lacaia, meu objeto de estudo.

Inicialmente, procuro conhecer e ter uma maior compreensão do universo das casas noturnas voltadas para o público LGBT. Utilizei como base as edições do Jornal *Lampião da Esquina* para fazer um levantamento dos espaços de entretenimento e averiguar um pouco do que se passava em cada um deles. O *Lampião da Esquina* foi uma publicação de temática *gay* que circulou entre 1978 e 1981, alguns anos antes da abertura do Buraco da Lacaia, mas que nos serve como fonte segura para uma contextualização desses espaços.

A criação de um mercado comercial voltado para o público homossexual no Brasil, ainda que muito discretamente, remete aos anos 1960. É nessa década que são abertas em São Paulo algumas boates declaradamente destinadas a um cliente homossexual de classe média, “que procurava locais de encontro onde houvesse maior segurança contra ataques policiais ou de bandidos” (MacRAE, 2005, p. 292). O número de estabelecimentos, tais como saunas e boates, cresce nas décadas seguintes, refletindo exemplos de outros países. No Brasil, só depois da abertura política, nos anos 1980, é que aumenta consideravelmente a quantidade de estabelecimentos desse mercado segmentado.

É possível citar inúmeras boates que existiram e fizeram parte do processo de afirmação da comunidade *gay* em todo o Brasil, mas nos deteremos ao eixo Rio-São Paulo, para não escaparmos geograficamente do entorno de nossa boate tema nem alongar excessivamente esse recorte. Dentre os espaços, destaco o Cabaré Casanova, a La Cueva, o Boêmio Cabaret, no Rio de Janeiro e a Nostromondo e a boate Medieval, em São Paulo.

A memória dessas casas nos dá pistas sobre a sobrevivência das boates *gays* através dos anos, muitas delas disputaram entre si o título de primeira casa LGBT do Brasil ou mesmo da América Latina. O que nos interessa, porém, não é quem começou primeiro e,

sim, a relevância e contribuição que tiveram para a comunidade LGBT enquanto funcionaram.

O Cabaré Casanova, segundo matéria de Julio Marinho para o Blog Nossos Tons<sup>1</sup>, em 8 de agosto de 2011, data do ano de 1939. A casa não era inicialmente voltada para o público *gay*, que nesta época nem sequer tinha um movimento político organizado e nem era conhecida por essa palavra inglesa. Entretanto, o clima boêmio e democrático do ambiente e sua localização no burburinho cultural da Lapa atraíram clientela diversificada o que facilitou com que essa segmentação fosse assumida. Sobreviveu até aproximadamente o ano de 2008 onde, desde então, funcionou uma boate chamada Lapa Mix e atualmente o espaço encontra-se sem nenhuma ocupação. Foi no Casanova, onde se formou o ainda embrionário “Dzi Croquetes”. Lá o lendário Madame Satã fez suas últimas incursões pela “sua” Lapa boêmia e onde artistas do porte de Alcione se apresentaram.

Não muito longe, ainda no Centro do Rio de Janeiro, na Rua Santa Luzia com a Rua México, havia o Boêmio Cabaret, onde hoje funciona um restaurante durante parte do dia. Segundo Julio Marinho, um dos motivos do sucesso do Boêmio era o “*trash*” *show* da lendária transformista Laura di Vison. Laura foi um ícone do *underground* carioca nas décadas de 1970, 1980 e 1990. Em suas apresentações, a performática provocava a plateia que oscilava entre a paixão e a aversão. Segundo a reportagem publicada em 10 de julho de 2007, “O Globo Online” relembra os feitos de Laura após sua morte, um dia antes. Seus *shows* no Boêmio duravam cerca de uma hora e meia e, frequentemente, a plateia de Laura de Vison chegava a 600 espectadores na boate. Suas cenas eram uma espécie de videoclipe. Quando interpretava a música “Súplica Cearense”, jogava um balde de água nos espectadores. Em “This is My Life”, transformava-se numa enfermeira e comia fígado cru. Em “O Fantasma da Ópera”, comia o cérebro do fantasma: dois miolos também crus. Vestia-se revezando sua coleção de aproximadamente 100 vestidos, 40 perucas coloridas, 50 sapatos e botas, chapéus e muita pluma, segundo a publicação. O Boêmio era popular, o público era majoritariamente do subúrbio e da zona norte, mas também recebeu turistas, antropólogos, sociólogos, atores, cantores e personalidades internacionais como o estilista Jean Paul Gaultier.

O La Cueva não é tão famoso como o Casanova ou o Boêmio, mas também se destaca pela longevidade. Ela nunca investiu nos tipos de *shows* que tanto o Casanova quanto o Boêmio tiveram. Fundada em 1964, localiza-se no subsolo de um prédio em Copacabana. Em uma época de muita repressão a boate optou pela descrição. Dessa foram,

---

<sup>1</sup> Disponível em <<https://nossostons.wordpress.com/2011/08/08/cabaret-casanova-o-fim-de-uma-era/>>.

adquiriu uma clientela fiel. A decoração interna da boate é toda como se fosse uma caverna. A casa destaca-se pelos frequentadores mais maduros e, atualmente, também por concentrar-se no público chamado de “ursos”. Urso é uma referência metafórica, na comunidade *gay*, ao animal do mesmo nome com notáveis características semelhantes. Essas características incluem seus pelos e suas proporções.

Atualmente, o La Cueva costuma trazer temáticas diferentes a cada semana para suas festas, com *DJs* da cena noturna carioca e *shows* curtos de *drag queens*. A casa não possui atração fixa e as *drags* que lá se apresentam não são tão renomadas quanto foi uma Laura de Vison, como no caso do Boêmio, mas a dinâmica da programação é o que parece manter viva a casa que se encontra em funcionamento até os dias atuais.

A paulista Nostromondo mantém a semelhança com as boates já citadas. Inaugurada em 1971, manteve-se aberta por 43 anos. No auge de seu sucesso, a casa atraía celebridades e formadores de opinião, além de ser espaço de resistência da arte *gay*. Foi palco de transformistas que chegaram a ficar mais de 25 anos de carreira na programação da casa. Entretanto, o título de inferninho que ela acabou ganhando pode ter pesado demasiadamente para a boate. Segundo o empresário proprietário da “Nostro”, como era chamada, a casa não dava mais retorno porque tanto o público *gay* quanto o heterossexual tinham preconceito com o espaço. O que pode ter causado o “preconceito” dos clientes começou a partir dos anos 1990, quando os *shows* começaram a ser realizados por *strippers* e atores pornô. A erotização excessiva da programação, junto ao fato de a estrutura ser antiga e *trash* não conseguir atrair um público novo, fez com que a boate jamais conseguisse reviver o sucesso dos anos 1970 e 1980.

No decorrer desta pesquisa, encontrei informações sobre a boate Medieval através do documentário “São Paulo em Hi-Fi” antes mesmo de verificá-la presente no *Lampião da Esquina*. O diretor do documentário Lufe Steffen utilizou entrevistas com frequentadores e jornalistas para contar a trajetória das primeiras boates *gays* de São Paulo, no começo dos anos 1970. Destaque no filme, a Medieval foi considerada pioneira ao abrir as portas em agosto de 1971 na Rua Augusta, quase esquina com a Avenida Paulista. A casa apresentava espetáculos inspirados nos cabarés franceses e foi frequentada por famosos como Chiquinho Scarpa, Dercy Gonçalves e Elke Maravilha. Após anos de sucesso, a Medieval ganhou a concorrência da Homo Sapiens (HS), na Rua Marquês de Itu, e entrou em decadência no fim da década, fechando em agosto de 1984.

Diferente do exagero e do glamour dos anos 1970 e 1980, a década de 1990 ficou marcada por atrações que eram realizadas em algumas boates apresentando cenas

pornográficas e eróticas. A Nostromondo, como já comentado, é um exemplo. Apesar de o erotismo ser aceito com certa naturalidade nas boates *gays*, a introdução do gênero pornográfico traz consigo outra carga de significado às casas noturnas. Essa ressignificação passa pela transgressão de uma abordagem mais livre sobre a sexualidade e, ao mesmo tempo, pelo conservadorismo que rejeita os espaços onde há essa forma de expressão.

Segundo Nadais e Santos (2012), atualmente fala-se em hipersexualidade na sociedade, uma banalização do acesso a imagens deste tipo, mas de uma forma que desvirtua a realidade, que “mostram uma faceta pesada e obscura, um vazio existencial, que contrasta com o espírito dos anos 1970, quando o sexo era percebido como libertador e festivo”.

Fosse por estratégias administrativas que não conseguiram retomar o prestígio das casas mais antigas ou pelo surgimento de novas boates em outras regiões, a sobrevivência dos espaços de entretenimento também foi abalada por outros fatores. Na década de 1980, o surgimento e a disseminação da AIDS e o não conhecimento sobre a doença impactaram o número de frequentadores da noite.

Com seus mecanismos pouco conhecidos e ainda com tratamento em desenvolvimento, a doença era devastadora, atingindo e matando muitas pessoas, fazendo sumir muitos clientes das boates. Popularmente, acreditava-se que a AIDS estava relacionada, principalmente, a homens homossexuais e criou-se um novo preconceito acerca da comunidade *gay*, fazendo com que a paranoia e o medo esvaziassem os seus locais de diversão.

No início dos anos 1990, o movimento homossexual cresceu como consequência da busca de uma solução para o crescimento da doença, tornando o Brasil pioneiro na resposta comunitária e governamental à AIDS. Com base no acúmulo de experiência e no conhecimento e acesso à comunidade, os grupos passaram a coordenar projetos de prevenção financiados por programas estatais de combate à AIDS, os quais permitiram que alguns grupos se organizassem no formato de organização não governamental (ONG). Como disse Caetano Veloso na canção, “Viados organizados de São Francisco conseguem controlar a propagação do mal” (Americanos, Circuladô ao vivo, 1992), não só na nos Estados Unidos, mas aqui no Brasil, também. Mesmo com a situação da doença mais ou menos controlada, os espaços para o público *gay* continuaram desaparecendo.

A escolha das casas citadas não foi aleatória. Além de serem voltadas para o público LGBT, todas elas apresentam exemplos em comum com a trajetória do Buraco da Laceria. A maioria foi um ponto de efervescência na cultura *gay* brasileira, seja por abrigar

*shows* de transformistas marcantes na memória do público, receber formadores de opinião, atrair famosos e curiosos, ou pela longevidade e por trazerem em si a subversão de simplesmente existir.

Com este levantamento, podemos observar o processo de segmentação de mercado, que se torna presente para todos os grupos sociais: do mesmo jeito que temos a criação de produtos de beleza para peles negras, programas de lazer, turismo e cursos para a terceira idade, acompanhamos também o surgimento de casas noturnas, bares, revistas, companhias de turismo e de mídia segmentados, ou seja, voltados para o público então designado pelos atores do mercado como "GLS" (*gays*, lésbicas, e simpatizantes).

O movimento *gay* dos anos 1990 trouxe com força total o “mercado cor-de-rosa” ou *pink market* para o Brasil. E as novas descobertas científicas em relação ao tratamento da AIDS trouxe à comunidade uma nova força. Os grupos organizados que surgem na década de 1990 tem como uma das características enfocarem um orgulho próprio. Acontece a 1ª Parada do Orgulho LGBT do Brasil em 1995, no Rio de Janeiro. Em seguida, a 1ª Parada do Orgulho LGBT de São Paulo aconteceu em junho de 1997, contando com 2 mil participantes.

Hoje, a parada paulista representa a maior manifestação do gênero no mundo. Em 2011, atingiu um público de cerca de 4 milhões de pessoas, um recorde que ultrapassa o da cidade de São Francisco, até então considerada capital *gay* do mundo, com aproximadamente um milhão de participantes em suas paradas.

A parada *gay* de 2013, em São Paulo, registrou a força de um evento que atrai paulistanos, visitantes de outros estados e turistas internacionais. Segundo a Secretaria de Turismo, é o segundo evento mais lucrativo para a cidade, perdendo apenas para a Fórmula 1.

Por conta disso, cada vez mais São Paulo se prepara para receber bem esse público, que tem sempre muita disposição para gastar o chamado *pink money* (ou o *pink real*). Só nos Estados Unidos, é um mercado estimado em US\$ 835 bilhões, segundo a Abrat GLS (Associação Brasileira de Turismo para Gays, Lésbicas e Simpatizantes).

Existem, assim, pesquisas que tratam desse segmento. A aposta é que o mercado, além da atuação política, da mídia, da internet, entre outros, é uma instância importante de produção de identidades e subjetividades várias, uma vez que os sujeitos estão em constante relação com o meio. Por isso, é possível supor que a existência de um mercado de lazer e de sociabilidades para o público LGBT ajuda na construção da imagem que essas pessoas têm de si próprias.

Não é à toa que exista uma hierarquização entre “baladas” que são mais valorizadas que outras. Em São Paulo, por exemplo, França (2006) mapeia o mercado GLS e constata que algumas baladas são frequentadas por pessoas de gostos e estilos tidos como “sofisticados” e “caros”, como é o caso das casas noturnas que se encontram no eixo Paulista-Jardins, enquanto outras são frequentadas por sujeitos considerados desinteressantes do ponto de vista da beleza hegemonicamente veiculada no contexto atual, que é o caso das casas noturnas as quais se encontram no Centro Antigo. O mais interessante disso tudo é perceber que tais classificações e hierarquizações são consequência de uma produção de identidades que acontece o tempo todo, seja partindo dos empresários e idealizadores de locais GLS, seja dos próprios frequentadores que se apropriam, reproduzem e também criam discursos sobre os sujeitos que fazem parte da rede existente dentro desse mercado.

Podemos transpor essa lógica para a cidade do Rio de Janeiro, onde as boates da Zona Sul da cidade são consideradas “mais bem frequentadas” em relação às boates do Centro, Zona Norte e Baixada. A utilização dos termos “inferninho”<sup>2</sup>, remetido às boates da Lapa, ou “bagaceira”<sup>3</sup> em relação a boates suburbanas como a Papa G e a 1140, indica a hierarquização reproduzida pelos discursos dos consumidores.

Segundo Bourdieu, “às diferentes posições no espaço social correspondem estilos de vida, sistemas de desvios diferenciais que são a retradução simbólica de diferenças objetivamente inscritas nas condições de existência (1983, pag. 82)”. Em outras palavras, as condições de existência, como a posição dentro da estrutura econômica (operário, funcionário de colarinho branco) e os grupos com os quais o sujeito se relaciona são como modelos que, de certa forma, definem os estilos de vida (ou seja, as práticas e as propriedades) de uma dada posição social que é ocupada por um dado agente social. Nesses termos, os estilos indicados às boates citadas estão mais associados à posição social de seus frequentadores do que propriamente às características físicas e/ou espaciais, serviços e atrações dessas boates.

Como informações extras, a título de curiosidade no decorrer da pesquisa, a hegemonia da noite *gay* paulistana na década de 1970 era disputada entre as boates Nostromondo e Homo Sapiens, mais conhecida como a “HS”, como já comentamos. Ambas tiveram seu sucesso ameaçado pela também já citada Medieval. A notoriedade nessas informações está no fato de que os proprietários da Medieval posteriormente abriram a Corinto, outra grande boate na história paulista de muito sucesso nos anos

---

<sup>2</sup> “inferninho”- Designação de certas boates menos refinadas.

<sup>3</sup> “bagaceira” na linguagem figurativa conjunto de coisas inúteis; restolho. No popular, remete a ralé.



1980. No Rio, também existiram outras boates de grande relevância além das citadas como a boate Gaivota, sucesso na Barra da Tijuca nas décadas de 1970, 1980 e 1990.

Outros espaços de entretenimento merecem ser citados mesmo sem pertencer ao nosso recorte do eixo Rio-SP, como a Is Kiss, de Salvador, e Flower's, de Porto Alegre. Segundo Genilson Coutinho, para a publicação H Magazine no ano de 2013.

É impossível falar da vida gay de Salvador e não lembrar os bons tempos e as noites fervidas da Rua Carlos Gomes, local que abrigou o apogeu da cena LGBT da cidade por pelo menos duas décadas e onde os letreiros de neon anunciavam a abertura das casas noturnas. (COUTINHO, Genilson. 2013)

A Flower's ficou famosa durante a ditadura militar, quando Porto Alegre viu nascer uma boate *gay* bem perto a um batalhão do Exército. Não era apenas uma casa resistindo ao período mais hostil contra as liberdades democráticas: era também um espaço lembrado pela qualidade das atrações, com um corpo de baile de 18 travestis, cantores, atores e estudantes de teatro. Sempre inspirada em grandes obras do cinema e em musicais da Broadway, a trupe colocava no palco espetáculos repletos de brilho, plumas, humor, arte e sensibilidade.

Diante do que já foi exposto, podemos comparar o passado e o presente das casas noturnas *gays*. Atualmente, o cenário da noite LGBT no Brasil é fértil e eclético. Entretanto, até a primeira metade dos anos 1990, os espaços de entretenimento eram mais restritos, vistos com exotismo, frequentados apenas por “entendidos<sup>4</sup>”, termo utilizado com frequência em *O Lampião da Esquina* para fazer referência à comunidade *gay*.

Sobre os termos utilizados, ainda podemos dizer que enquanto citávamos as atrações, observei que não se utilizavam termos hoje muito corriqueiros nas boates como *drag queen*, *dark room*, *go-go boy*, *queer* etc. Isso porque esses termos só se popularizaram aqui no Brasil a partir da segunda metade da década de 1990.

A princípio, até mesmo a sigla que estava em voga para falar do público alvo, GLS — Gays, Lésbicas e Simpatizantes, soa atualmente politicamente incorreta. Com o crescimento do movimento contra a homofobia e da livre expressão sexual, a sigla GLS foi alterada para GLBS, ou seja, Gays, Lésbicas, Bissexuais que logo foi mudado para GLBT e GLBTS com a inclusão da categoria dos transgêneros (travestis, transexuais, transformistas etc.). A sigla GLBT ou GLBTS perdurou por pouco tempo, pois o

---

<sup>4</sup> Hoje em dia um termo ultrapassado, mas que foi muito utilizado durante as décadas de 1960, 1970 e 1980, designava um homossexual de classe média tradicional e que vivia no armário.

movimento lésbico ganhou mais sensibilidade dentro do movimento e a sigla foi alterada para LGBTs.

De todo modo, no que tange às considerações finais para este capítulo, o último século foi marcado pelas afirmações desses espaços. Inicialmente não tinham por objetivo atingir o público *gay*, mas por vocação democrática foram assumindo esse perfil. Depois, com as mudanças sociais e econômicas, foram surgindo casas que já possuíam esse público alvo como meta e, por isso, eram espaços mais reservados à comunidade *gay*. Entretanto, a riqueza das atrações, dos *shows*, atraía formadores de opinião e celebridades ou heterossexuais simpatizantes. A inovação que esses espaços trouxeram, foi a criação de casas que proporcionavam um ambiente onde os *gays* e lésbicas podiam trocar afeto em público e exercer sua individualidade sem rechaços.

A cultura e a riqueza dos *shows*, esquetes, cabarés e performances apresentados nesses lugares eram essenciais para a sua reinvenção e sobrevivência, entretanto a liberdade nesses locais não significava total sucesso. Era preciso novas alternativas. Em alguns lugares, a decoração era o mais importante. Em outros, os jogos como o bilhar e o totó. Outros apostavam em erotizar as atrações, e alguns tentavam servir iguarias da comida brasileira e drinques. Uma infinidade de manobras que visavam reformular a dinâmica desses espaços e mantê-los em funcionamento. Porém, de todos os citados, apenas o La Cueva, no Rio de Janeiro, encontra-se aberto. Uma desproporção muito visível. Todos fizeram muito sucesso, inovaram e contribuíram para o entretenimento *gay*, mas não foi o suficiente. Seja pela infinidade de boates que existiram para tomar espaço no mercado, seja pelas propostas de atração, as representantes de história mais significativa têm muita dificuldade na manutenção de seus espaços no mercado.

Após constatarmos tudo isso, fica, portanto, a questão: em que difere o caso do Buraco da Lacreia das demais boates? O que seria diferente? Precisamos entender antes o histórico da casa para só então buscar essas respostas.

### **3 – BURACO DA LACRAIA, O “INFERNINHO” DA LAPA**

A abertura da casa que um dia se tornaria o Buraco da Lacreia ocorreu no ano de 1987. O proprietário, Adão Arezo, abriu um vídeo-bingo na rua Álvaro Alvim, na Cinelândia. Considerando que a proibição dos jogos de azar no Brasil foi estabelecida através do decreto-lei 9.215, de 30 de abril de 1946, assinado pelo então presidente Eurico Gaspar Dutra, o Arezzo's Bar como era chamado, passou um curto momento pela clandestinidade.

A casa ficava no segundo subsolo de um prédio, uma saída inacabada da estação de metrô. E o movimento sinuoso da descida pelas escadas deu ao bar o apelido que fez surgir o nome Buraco da Lacreia. Conforme a antropóloga Maria Elvira Diaz Benitez disse em seu artigo sobre a casa:

O ambiente escuro, subterrâneo, sem avisos publicitários, escondido e até clandestino, fez com que o bar ganhasse esses primeiros reflexos de território gay. Os clientes procuravam discrição e anonimato em uma época na qual a estigmatização da homossexualidade ganhou novas nuances devido à explosão da AIDS e a crença de que era uma doença exclusiva dos homens com práticas homoeróticas. (BENITEZ, 2007)

O objetivo do Buraco da Lacreia nunca foi ser um bar ou boate *gay*, mas, descritas as atribuições de sua localização, acabou atraindo um público que acabou convencendo o proprietário a deixar entrar.

Numa ocasião, Adão viu, passando por um dos salões, dois garotos se beijando. Na época, inexperiente e despreparado para lidar com a situação, o proprietário pediu que sua gerente conversasse com os dois clientes que, por sua vez, preferiram não continuar no bar. Passadas algumas semanas, um dos rapazes voltou até casa e conversou com Adão, perguntou se ele tinha algum preconceito com relação a *gays*. Tendo como resposta negativa do proprietário, o cliente sugeriu que a casa deixasse a sua “tribo” entrar, explicando que eles deveriam ser tratados de maneira igualitária, sem diferenciação dos clientes costumeiros. Acrescentou também, sugerindo a Adão, que o estabelecimento não permitisse drogas e “baixarias”. Ao dizer baixaria, referia-se ao ato de fazer sexo no salão.

O Arezzo's Bar foi recebendo cada vez mais amigos de amigos do cliente que se sentira discriminado e conversara com o dono da casa. Aos poucos, o bar foi se

transformando. Desfizeram-se das máquinas de vídeo-bingo, adquiriram um aparelho de som e contrataram o DJ Mário, cliente assíduo e funcionário até os dias atuais.

Devido ao aumento da delinquência na região, muitos clientes sugeriam uma mudança de endereço, pois estes sofriam assaltos nas ruas transversais da Cinelândia. Motivado pelas sugestões e pelas dificuldades de conservação causadas pela administração do prédio, Adão encontrou um novo endereço próximo ao Bairro de Fátima e se estabeleceu, agora com um novo nome, Star's Club, na rua André Cavalcanti, onde até hoje mantém a casa. Mesmo com a transferência para outro espaço, o apelido Buraco da Lacreia se manteve, até que seu dono finalmente cedeu e oficializou-o como o nome do estabelecimento.

A construção que abriga o Buraco da Lacreia até os dias atuais tem fachada em estilo colonial, com conjunto de janelas e sacadas hoje gradeadas. A pequena porta da entrada dá passagem para uma escada ampla e recém-reformada e, à esquerda, para a bilheteria onde o cliente pode pagar sua entrada e receber a pulseira que lhe garante o serviço de *open bar* e passe livre de entrada e saída para a rua até o final da noite.



Fig1. – O Buraco da Lacreia, na Rua André Cavalcanti, nº58.

Fonte: Time Out<sup>5</sup>.

---

<sup>5</sup> Disponível em <<http://www.timeout.com.br/rio-de-janeiro/gls/venues/492/stars-club-buraco-da-lacreia>>

Adão comentou que intuitivamente optou por esse sistema: “Até em torno do ano dois mil, a casa tava com um movimento bem baixo aqui. E foi num momento em que se criou que eu tive um sonho e criei o sistema de *open bar*. Isso aí foi uma coisa que eu vi num sonho.”

A casa é dividida da seguinte forma: o primeiro ambiente é composto por um bar espelhado onde são servidos os drinques do *open bar* e outros vendidos *à la carte*, uma televisão onde passam clipes de música *pop* ou feitos de montagens em vídeo de aberturas de novelas, desenhos animados, propagandas famosas e fotos dos *shows* com músicas de temática brega ou retrô. Ainda neste ambiente, próximo a uma saída de emergência, há um guarda-volumes, resquício dos tempos que a casa contava com um *dark room*. Extinto há pouco mais de 4 anos, o espaço era o sucesso da casa. *Dark room* é uma sala escura que existe em alguns estabelecimentos com a finalidade de proporcionar encontros sexuais na penumbra ou escuridão total. Segundo o proprietário, Adão Arezo, havia um público muito específico que muitas vezes ia até a boate exclusivamente para ir até a sala. Para entrar, era necessário pagar um pequeno valor de aluguel do armário guarda-volumes, que variou de R\$ 1 a R\$ 3 no período em que esteve em funcionamento. Com o passar dos anos, Arezo observou que, mesmo distribuindo preservativos na entrada do *dark room*, muitos clientes não utilizavam a proteção oferecida e expunham-se a doenças sexualmente transmissíveis, pois alguns frequentadores usavam o local para práticas sexuais que consistiam em penetração. Mesmo assumindo que era lucrativa, Adão não hesitou em encerrar a atração quando teve oportunidade.

Em 2013, com o incidente da Boate Kiss em Santa Maria, no Rio Grande do Sul, onde 242 pessoas morreram em um incêndio catastrófico, as casas noturnas do país passaram por grandes vistorias dos órgãos de fiscalização, principalmente do corpo de bombeiros. Muitas foram fechadas temporariamente e precisaram reformular alguns espaços de suas dependências, e esse foi o caso do Buraco da Lacraia. O *dark room* foi extinto para dar lugar a uma saída de emergência. Muitos clientes deixaram de frequentar a casa. Outros curiosos, que ao visitar pela primeira vez a boate, ainda perguntam sobre o espaço, “onde fica?”, “como funciona?”, tamanha era sua fama.

Ainda no primeiro piso da boate, seguindo para o outro ambiente, encontramos o salão do videoquê. Num dos cantos fica um balcão onde também são servidas as bebidas do *open bar* e, recuado dentro do balcão, há o banheiro feminino. Há uma sala espaçosa e um palco com um aparelho de TV e o videoquê. Com algumas poucas mesas e cadeiras espalhadas, as pessoas assistem aos pequenos espetáculos a cada música cantada por um

participante. Atualmente, para cantar no videoquê o cliente escolhe a canção nos catálogos espalhados pelo salão e paga o valor de R\$ 1,50 ao lado do palco, onde há um funcionário que organiza a lista de chamada de clientes e suas respectivas músicas escolhidas. Na parede oposta do salão fica o banheiro masculino. Com fácil acesso, tem um mictório extenso e, apesar da chapa de metal próxima à porta, não há muita privacidade além de uma única cabine. Fora a função principal — urinar — o local gera curiosidade dos clientes que passam a usar o banheiro como passagem para flertes.

Na subida para o segundo andar, onde fica a pista de dança em que o DJ Mário toca todos os ritmos, há dois quadros com duas imagens respectivas de um cigano e uma cigana, e entre elas uma imagem de São Francisco de Assis. Mais acima uma vitrine com um São Sebastião pintado em cores vibrantes e vários cristais espalhados ao seu redor. O casarão tem um ar místico em sua decoração.

O espaço da danceteria é amplo e conta com um balcão que também dá passagem para um banheiro feminino; no lado oposto do salão há um banheiro masculino. No início do ano de 2016, uma sala de jogos vizinha à pista de dança, com mesa de sinuca e totó, foi bloqueada e aguarda reforma.

Luis Lobianco comentou sobre sua visão enquanto cliente da casa:

Então, o Buraco ele traz também esse caráter e um lugar de muita diversão, que tem esse... Acho que é o único lugar do Rio de Janeiro, de boate e, mais especificamente boate voltada para o público *gay*, que tem esse conceito de clube que é o lugar que não é só para dançar. Você pode dançar, mas tem um bar que você pode conversar, tem o caraoquê, tem uma sinuca, tem a parte de fora que as pessoas ficam do lado de fora. Então, é um lugar de convivência. Assim, é um lugar de diversão e convivência. E isso sempre me atraiu, eu sempre gostei de lugares democráticos. (LOBIANCO, Luis. 2016)

O Buraco da Laceria sempre teve fama de receber um público com características mais populares, majoritariamente homens. Quando ouvi falar pela primeira vez da casa, meus conhecidos referiam-se como lugar de “bicha velha”. Muitos clientes fazem da casa seu local preferido/único de entretenimento, levando amigos e conhecidos. Com essa fidelidade, não é difícil imaginar que o público amadureceu ao longo dos anos. É bem possível observar que a maioria desse público provém do Centro, subúrbio do Rio e da Baixada Fluminense, o que também dá à casa o estigma de lugar de “bicha pobre”.

De todo modo, é decisivo frisar que as opiniões sobre a boate variam a partir dos diversos pontos de vista e, principalmente, da posição social de quem opina. Os clientes

em geral gostam do clima de simplicidade que envolve o espaço. Há um consenso entre os discursos de muitos clientes e dos funcionários sobre a equidade no tratamento de quem frequenta o Buraco: “aqui somos todos família” e “ninguém é melhor do que ninguém”.

O apelo democrático é um grande atrativo. Quando questionei o ator Luis Lobianco sobre o título LGBT facilitar a entrada de um público diversificado, ele respondeu em entrevista:

E os lugares LGBT não necessariamente são tão democráticos. Tem lugares que gostam de só receber o público que pode pagar muito por uma bebida e que é uma forma de colocar ali um público que tem cara de rico, entendeu? Quanto mais caro você colocar, mais poder aquisitivo esse público vai ter e mais fechado vai ser esse público porque vai ser um público de uma região da cidade ou de... Eu já vivi uma experiência dessa época. Eu sou carioca e eu fui a uma grande boate que tem no Rio de Janeiro, em Copacabana. Eu tava vestido de carioca, não estava desarrumado, mas estava com uma bermuda, uma camiseta, no verão e uma sandália havaiana... E os seguranças não deixaram eu entrar porque eu tava de sandália havaiana. (LOBIANCO, Luis. 2016)

Algumas vezes, ouvem-se reclamações de clientes por conta do estado de limpeza da casa. O espaço é muito grande e de difícil manutenção, principalmente porque não há funcionários trabalhando especificamente nisso durante o período em que a casa está em funcionamento. A circulação de ar garantida apenas por ventiladores e aparelhos de ar-condicionado também são fatores que atrapalham, pois a umidade atrai mofo e o odor muitas vezes incomoda os clientes mais exigentes. Por último, com alguma frequência, é possível ver pequenas baratas circulando pela casa mesmo com a “dedetização em dia”, segundo Adão.

A decadência do espaço por muito tempo se justificou pelo fato de que a boate mal conseguia se manter. O que recebia era o suficiente para que o proprietário pagasse os custos da casa, como as contas de luz, água, aluguel, funcionários e outros fornecedores. Não tinha muito lucro que pudesse bancar reformas e isto nunca foi uma prioridade pelo fato do espaço ser alugado.

Atualmente, no Brasil, o mercado de entretenimento vem se profissionalizando, e com a descoberta de uma demanda reprimida do setor de Casas de Shows, que carecia de investimentos profissionais, o segmento vem se desenvolvendo e sendo valorizado, pois o mesmo faz parte da chamada “economia da Cultura” — um setor que, no Brasil, já conta com 320 mil empresas, gera 1,6 milhões de empregos formais e representam 5,7% das

empresas do país. A cultura é o setor que melhor remunera — a média salarial é 47% superior à nacional de acordo com pesquisa realizada pelo IBGE em parceria com o Ministério da Cultura (FOLHA DE SÃO PAULO, 2008). De acordo com o BNDES — Banco Nacional do Desenvolvimento Econômico e Social —, há mais de uma década, organismos internacionais, instituições acadêmicas e órgãos públicos de vários países vêm buscando definir e delimitar a Economia da Cultura. E mesmo assim, seu conceito gerou um segundo elemento, o de “economia criativa”, isso porque quando se intensifica a proximidade da cultura com a economia está no acréscimo do terceiro elemento, a criatividade, geradora da expressão economia criativa. (MINISTÉRIO DA CULTURA, 2011).

No Brasil, o debate sobre a temática das indústrias criativas chegou muito recentemente, aqui aportando por conta do Ministério da Cultura (MIGUEZ 2011, p.105), tendo como marco a realização da XI Conferência Ministerial da UNCTAD (Conferência das Nações Unidas para Comércio e Desenvolvimento) em junho de 2004. Por sua vez a UNESCO, o organismo das Nações Unidas voltado para a Cultura, Educação e Ciências, entende que a economia da cultura abarca as atividades que combinam criação, produção e comercialização de bens e serviços com conteúdo de natureza cultural e intangível, tipicamente protegidos por direito de reprodução. (GORGULHO, L. et al., 2009, p. 305). “Cada vez mais, as pessoas valorizam seus momentos de lazer e isso impulsiona o crescimento do setor no País”, afirma Nelson de Abreu Pinto, presidente do Sindicato de Hotéis, Restaurantes, Bares e Similares de São Paulo (SHRBSP) em entrevista publicada pela ISTOÉ em setembro de 2007.

Essas exigências por parte dos consumidores fizeram com que o mercado, em geral, se ajustasse ao perfil de seus públicos, a fim de satisfazê-los da melhor forma. Essa análise se dá pelo campo de estudo do comportamento do consumidor, o qual examina — os processos envolvidos quando indivíduos ou grupos selecionam, compram, usam ou dispõem de produtos, serviços, ideias ou experiências para satisfazer necessidades e desejos. Entender como se comportam os consumidores é de grande importância, pois os empresários precisam adequar seus serviços e produtos aos desejos e necessidades do consumidor. Serve, ainda, para impulsionar os profissionais de comunicação, auxiliando-os a delinearem suas estratégias, uma vez que a utilização das ferramentas necessárias serve para atrair seu público e satisfazê-los de forma natural.

Na sociedade contemporânea, cultural e socioeconomicamente afetada pelo capitalismo e pela diversidade explosiva de produtos por conta, especialmente da



globalização, a segmentação de público ajuda a atingir cada vez mais consumidores em potencial. Sabe-se que a aceitação do grupo a qual haja o sentimento de pertencimento é um fator comum de influência no comportamento de compra dos jovens, principalmente pelo aspecto social (*status*). Para satisfazer uma necessidade hedônica (aquelas que associam a emoção para adotar escolhas), como a fidelização de uma marca — até mesmo com produtos falsificados —, a forma como consegue o produto acaba sendo, às vezes, insignificante, passando a considerar somente a sua satisfação com o intuito de estar — igual àqueles do seu grupo. Muitas vezes, os jovens são levados a comprar aquilo que não era necessário nem desejado. A cultura e o consumo estão intimamente ligados no mundo moderno. A cultura é simbolizada a partir das representações coletivas e o consumo assume uma perspectiva simbólica com papel social de inclusão, onde os bens de consumo passam a significar muito mais do que o seu próprio valor útil ou comercial, eles imprimem características de cada grupo, hierarquizando uma posição social. Porém, o fenômeno social não é o único motivador para o consumo. Existem muitos fatores — internos e externos — que influenciam o processo de decisão de compra dos consumidores.

Deste modo, em 2004, Adão tentou levar algumas atrações mensais ao Buraco e só então a casa começou a ganhar destaque na imprensa. Foram nomes de artistas como Gretchen, Rita Cadillac e a cantora Rosana que ajudaram a casa a impulsionar a presença dos clientes que buscavam as novidades da casa. O projeto não foi muito adiante porque o proprietário, como mencionamos, não tinha verba para investir nessas atrações especiais por muito tempo.

Depois disso, Adão tentou apostar nos “Garçons Nus”. Determinado a encontrar uma nova atração para a boate, ele implantou esse formato que é uma alternativa aos *strippers* e dançarinos. A estratégia era um sucesso internacional em casas noturnas tanto para o público *gay* quanto para mulheres heterossexuais. Os garçons nus com corpos bem definidos, “sarados”, circulavam apenas pela pista de dança do segundo andar. Era uma ótima maneira de chamar a atenção dos clientes especialmente pelo apelo. Foi um acerto, mas ainda não garantia muita estabilidade para a casa.

Desde sempre, no entanto, o Adão buscava ter uma programação cultural fixa no Buraco da Lacreia.

A casa não conseguia transcender os limites de tudo que já vivenciara. Como podemos ver, a boate no início dos anos 2000 ainda tenta se reerguer, mas não consegue se desvencilhar da pouca competitividade que tinha com as demais boates da cidade, da fama de inferninho, do peso de ter seu público fiel envelhecendo. Até aqui, em nada o Buraco

difere das boates que citamos na contextualização do capítulo anterior. A boate só não fechou porque segundo Adão, ela é sua “missão na vida”. Há um empenho além do que tange a parte econômica e talvez por isso o fim não tenha chegado tão cedo para o Buraco da Lacreia.

Através da relação mais próxima com seus clientes, o Sr. Arezo pediu que um de seus clientes, maquiador em filmes como “Cidade de Deus” e “5 Vezes Favela”, que tentasse levar famosos até a boate. Esse cliente como veremos adiante, será peça fundamental para a construção do *show* que posteriormente se tornaria uma verdadeira ocupação teatral na casa.

#### 4 – “O INFERNINHO QUE VIROU POP”

A noção de intervenção é um termo novo, empregada, no campo das artes, com vários sentidos, não havendo uma única definição para o termo. Na área de urbanismo e arquitetura, por exemplo, as intervenções urbanas designam programas e projetos que visam à reestruturação, requalificação ou reabilitação funcional e simbólica de regiões ou edificações de uma cidade.

A intervenção se dá, assim, sobre uma realidade preexistente, que possui características e configurações específicas, com o objetivo de retomar, alterar ou acrescentar novos usos, funções e propriedades e promover a apropriação da população daquele determinado espaço. Algumas intervenções urbanísticas são planejadas com o intuito de restauração ou requalificação de espaços públicos, como as conhecidas revitalizações de centros históricos, outras objetivam transformações nas dinâmicas socioespaciais, redefinindo funções e projetando novos atributos.

Como prática artística no espaço urbano, a intervenção pode ser considerada uma vertente da arte urbana, ambiental ou pública, direcionada a interferir sobre uma dada situação para promover alguma transformação ou reação, no plano físico, intelectual ou sensorial.

Segundo Ramon Santana de Aguiar, professor, ator e diretor da UNIRIO, as manifestações cênicas, para além do suporte físico, se apropriam dos espaços – lugares – também nos seus aspectos históricos, ideológicos, críticos, de memória, de inovação e tantos outros aspectos possíveis para a inventividade das Artes Cênicas. Como grupos, diretores e educadores fazem uso do espaço disponível para as apresentações cênicas tornando os determinantes para a criação e recepção das encenações.

Como já mencionado, o proprietário do Buraco da Lacreia sempre teve em mente montar uma programação diferenciada em sua boate. Os artistas de teatro que emparelharam junto com Adão Arezo a ideia de estreitar uma atração cultural, realizaram uma verdadeira intervenção para a casa. Um *show* exclusivo para o espaço, feito por seus consumidores, deu ao Buraco da Lacreia, em 2012, uma ressignificação do seu espaço com a estreia do Buraco da Lacreia Dance Show. E tudo aconteceu de maneira bem espontânea.

Sidnei Oliveira era o cliente mencionado no final do capítulo anterior, maquiador em filmes como “Cidade de Deus” e “5 Vezes Favela”, requisitado pelo dono da boate para levar famosos até a boate. Frequentador assíduo da casa ficou amigo de Adão Arezo e o

ajudou no seu desejo de fazer algo novo para o espaço. Sobre esse encontro, Luis Lobianco comentou:

O Sidnei Oliveira, que estava nesse grupo, era muito amigo... é muito amigo do Adão Arezo, dono do Buraco da Lacreia, conversou com o Adão e o Adão abriu as portas para a gente... Para a gente fazer lá um mês e ensaiar um mês isso que a gente nem sabia o que era. O Adão sempre teve um desejo de ter alguma programação cultural dentro da casa. Ele sempre gostou muito, ele sempre teve o desejo de ter um centro cultural então foi super fácil essa conversa com o Adão. E aí fomos pra lá e ficamos um mês criando esse espetáculo com as nossas próprias referências, com as músicas que a gente gostava, com o que a gente se divertia e também a nossa queixa, o nosso discurso de como é difícil fazer, criar coisas no Rio de Janeiro, no Brasil, falando de cultura, e estreamos esse espetáculo para fazer quatro apresentações somente, quatro sextas-feiras. Só que desde a primeira apresentação, já cheia de amigos, as pessoas falaram que estavam vendo uma coisa que nunca ninguém tinha visto, que era muito inédito, muito novo, que iam trazer mais pessoas, e mais pessoas, e mais pessoas, e dessas quatro apresentações a gente não conseguiu parar e já estamos em cartaz há quase quatro anos. (LOBIANCO, Luis. 2016)

Sidnei fez a ligação que faltava para que houvesse uma conjunção de amigos artistas que eram clientes do Buraco da Lacreia. O grupo viu na boate um palco aberto, uma pauta livre. Considerando as dificuldades da produção cultural brasileira, dependente majoritária das Leis de Incentivo à Cultura, em abarcar o artista periférico e as pequenas companhias era uma oportunidade de empreender.

Motivo de debates polêmicos de tempos em tempos, a Lei de Incentivo à Cultura, conhecida como Lei Rouanet (8.313/91), poderia ter sido substituída em 2015, caso o projeto que institui Programa Nacional de Fomento e Incentivo à Cultura (ProCultura) tivesse sido aprovado pelo Congresso Nacional conforme era esperado pelo Ministério da Cultura (MinC).

O Projeto de Lei nº 6.722 chegou ao Congresso em 2010 e foi aprovado pela Comissão de Constituição e Justiça e de Cidadania (CCJC) da Câmara em 2014. Desde então, o texto aguarda apreciação do Senado. O projeto prevê a criação de um marco regulatório para substituir o texto da Lei Rouanet. A proposta é aperfeiçoar e corrigir distorções na distribuição de incentivos e investimentos em cultura, além de definir regras mais claras e justas para concessão de benefícios.

Segundo entrevista dada para a Agência PT de Notícias, em fevereiro de 2016, o ex-secretário de Fomento e Incentivo à Cultura do MinC, Carlos Paiva disse que “A Lei

Rouanet foi bem-sucedida em uma faixa pequena da vida cultural brasileira, mas deixou muita coisa de fora”.

De acordo com o secretário, ao mesmo tempo em que a Lei Rouanet permitiu a realização de grandes exposições estrangeiras no Brasil e a manutenção de importantes museus e institutos culturais, causou disparidade entre o número de projetos agraciados do Eixo Rio-São Paulo daqueles advindos das regiões Norte e Nordeste, por exemplo. Atualmente, o Sudeste represa 80% dos investimentos.

A desconcentração dos recursos captados via renúncia fiscal é um ponto que a Lei ProCultura pretende solucionar. Segundo dados do MinC, 50% dos valores levantados, via Lei Rouanet, beneficiam apenas 3% dos que apresentam projetos.

Segundo Leticia Guimarães, produtora e atriz do grupo, a produção do *show* também tinha ligação com as condições desse panorama:

[...] ninguém (de nós) conseguia emplacar nenhum outro projeto que tivesse que ter dinheiro. Ninguém conseguia emplacar um outro projeto, um outro trabalho e todos nós éramos artistas já no mercado há muito tempo. Então, isso tem tudo a ver. Então, a gente cansou de esperar e falou vamos fazer alguma coisa nossa com um dinheiro emprestado. (GUIMARÃES. Leticia. 2016)

Numa matéria para a Revista O GLOBO, no ano de 2015, a repórter Carolina Ribeiro reproduz um pouco do processo sob o viés do ator Luis Lobianco:

Morador da Lapa, ele se juntou aos amigos Leticia Guimarães, Éber Inácio e Sidnei Oliveira para montar uma peça de teatro, em 2012. O grupo foi acolhido por Adão Arezo, dono do espaço, que fez o seguinte combinado com a trupe: cada ator tinha que vender quatro ingressos antecipados, para bancar os custos iniciais do espetáculo, que duraria quatro semanas. Depois de um mês ensaiando lá mesmo, houve a primeira apresentação. Fez tanto sucesso que, desde então, integra a programação oficial. Atualmente, a cantora Simone Mazzer também está no elenco.

— Viemos para cá sem saber direito o que a gente ia fazer. Eu andava insatisfeito com a cena de teatro no Rio e queria montar um espetáculo diferente de tudo. O Adão comprou a ideia e, quando começamos, todos disseram que não podíamos ir embora — lembra Lobianco, que não perde uma sexta-feira na casa. — Minha agenda é complicada, mas minha sexta-feira é sagrada. (RIBEIRO, Carolina. Revista O GLOBO, 2015)

Neste primeiro *show*, concebido inicialmente para apenas quatro apresentações, o espetáculo tornou-se um fenômeno: dois anos ininterruptos em cartaz na boate Buraco da

Lacraia, sempre lotando o espaço às sextas. O espetáculo Dance Show contou ainda com a presença da atriz Patrícia Pinho e da colaboração de Alexandre Régis, que posteriormente se afastaram do grupo.

Sobre o processo inicial, de captação de recursos Leticia comentou a ajuda de Patrícia Pinho:

Mas do primeiro mês acabamos ficando até hoje. Tínhamos que vender rifas. A Patrícia pegou emprestado dois mil reais com uma amiga e cada um tinha que vender cinquenta rifas a dez reais. E a gente vendia, pedia pelo amor de Deus mesmo para quem não fosse para dar dez reais para a gente e no final a gente acabou gastando mais quinhentos reais no cartão da Patrícia, que a gente conseguiu de volta com a bilheteria do primeiro mês. Mas tudo era um risco porque ninguém tinha dinheiro. (GUIMARÃES. Leticia. 2016)

| Segundo Caderno | O GLOBO | 3

---



**Gente Boa**

JOAQUIM FERREIRA DOS SANTOS

genteboa@oglobo.com.br

COM CLEO GUIMARÃES, MARIA FORTUNA E FERNANDA PONTES

---

## COITADA DA CEGA KÁTIA

Espetáculo politicamente incorreto em inferninho da Lapa vira cult do novo humor carioca



**Elenco.** Eber Inácio, Sidnei Oliveira, Luis Lobianco, Leticia Guimarães, Patrícia Pinho



**Na plateia.** A atriz Fabiula Nascimento



**O diretor.** Alexandre Régis



**Habitué.** Marcus Molhem

**A** diversão de um grupo de amigos atores, que se encontrava depois do trabalho para cantar músicas esdrúxulas em performances idem, virou espetáculo divertido, em cartaz na Lapa. "Buraco da lacraia dance show" vem lotando o inferninho homônimo, *point* atual de humoristas como a galera do Porta dos Fundos.

Teatro de revista e até os inacreditáveis shows de mulata são referências do espetáculo, com direção de Alexandre Régis, e se concretizou graças a uma vaquinha dos atores Luis Lobianco, Patrícia Pinho, Eber Inácio, Sidney Oliveira e Leticia Guimarães.

O público também é alvo, e os atores-cantores-dançarinos atacam geral. Um dos espectadores teve a careca lambida sem dó nem frescura por Eber Inácio e o outro recebeu uns amassos de Patrícia. "Olha a banana do Papa Francisco! Olha o pepino do Malafain! E a berinjela do Eduardo Paes", grita Lobianco, encarnando Chacrinha, enquanto Leticia rebola como "a chacrete Leci Brandão", ao som de "Doméstica". É tudo muito bizarro — e muito bom.

Eles ressuscitaram até a cantora cega Katia — aquela que foi apadrinhada por Roberto Carlos e costumava cantar "Não está sendo fácil" no Charinha, lembra? — em versão tarada. "Eu não tô no *dark room*? E que, pra mim, não faz diferença", diz ela.

"Katia deu a volta por baixo, isso é que é 50 tons de breu!", manda Lobianco, para depois cantar, em ritmo de "Katia Flávia": "Katia cega/ deficiente visual, provocante.../ Calcinha de glaucoma, calcinha de miopia.../ Pelo rádio da polícia ela manda o seu recado: black out!". Em seguida, vem o coro, agora numa pegada funk: "Que isso ceguinha, que isso?".

Lobianco mistura a música "Mensagem" com poesia de Pessoa e, depois do verso "todas as cartas de amor são ridículas", emenda crítica atual. "Ridículo é fechar teatro! Cuidado Paes, você tá mexendo com uma gente de macumba".

Fig. 2 – Nos jornais, o *show* é considerado *cult* e a presença dos formadores de opinião na plateia é destacada.

Fonte: O GLOBO

Segundo entrevista realizada para esta pesquisa com o ator Luis Lobianco, a escolha da sexta-feira para receber os *shows* na programação do Buraco da Lacreia não foi casual:

[...] Adão ofereceu pra gente a sexta-feira porque era o dia mais caído da programação. A casa ela abre vésperas de feriado, sexta e sábado. Véspera de feriado depende muito de como é o feriado, da época do ano e tal. Tem vésperas que são muito boas, outras nem tanto porque a cidade está vazia, enfim. Sábado sempre foi um dia muito forte da casa. De um público gay muito fiel, que frequenta, que já vai ali há muito tempo e que vai pra dançar, pra beijar na boca, pra não sei quê [...]. A sexta-feira acabou ficando meio no limbo. Ela ficou um dia que as pessoas preferem ir para um outro lugar. Então a sexta-feira lá era muito vazia. Funcionava, mas era muito vazia. O Adão quase que tomava prejuízo às sextas-feiras, por isso mesmo ele ofereceu esse dia pra gente. Desde que a gente estreou não houve mais uma sexta-feira vazia no Buraco. E trouxe um outro público. Não mudou o público, mas trouxe mais um outro público. (LOBIANCO, Luis. 2016)

Há um consenso entre imprensa, clientes e o grupo, que público é uma democrática mistura de frequentadores habituais com novatos que nunca puseram os pés na casa. Como ainda lembra Leticia Guimarães:

É, eu fui acho que duas vezes ao Buraco antes do show em aniversário de amigos. [...] em 2002, 2003... Então, meio que dez anos antes do show começar. De cara eu amei o lugar. O que eu posso dizer de como era antes, de ter ido só duas vezes, é que eu fui muito hostilizada. Sempre só tinha eu, mais duas ou três amigas e, talvez, mais duas ou três mulheres. Então, num ambiente totalmente masculino a gente não era bem vista no Buraco da Lacreia. Então, eu lembro de tomar algumas cotoveladas e, por ser muito baixa, e sempre ficar na fila do videoquê, a onda sempre foi o videoquê. [...] E esse público se ampliou. Ele não dá mais cotoveladas em quem chega... (risos) Isso, claramente. Não é só porque eu trabalho lá, mas claramente, todo mundo viu nesse lugar... e, na verdade, quando o mundo hétero se permite conviver com o mundo gay sem preconceito é um lugar de muita felicidade para todo mundo. Porque é uma comunidade que só quer viver, expressar sua liberdade como qualquer outra pessoa. Então, quando você vai nesse lugar onde as pessoas só querem ser livres, todo mundo se sente à vontade. Então, obviamente, o público se ampliou e se multiplicou como em poucos lugares você vê. (GUIMARÃES, Leticia. 2016)

Já Luis Lobianco comentou especificamente sobre o público que o *show* agregou à boate:

E ele trouxe além desse público da noite, ele trouxe um público que também não era só da noite. Ele trouxe um público de teatro, por exemplo. E um público de teatro já é uma outra dimensão que se abre porque tem vários tipos de grupo de teatro. Esse espetáculo, ele atende a quase todos os tipos de público de teatro. Ele não é um espetáculo só para quem gosta de comédia. Ele não é um espetáculo só para senhoras que fazem grupos de van. (LOBIANCO, Luis. 2016)

Motivado pelo sucesso do grupo, Adão começou a adaptar a sua boate e os serviços por ela oferecidos para atender os clientes atraídos pelo espetáculo:

No primeiro mês, eu ficando sabendo isso e, quando houve a última apresentação, disse que queria dar continuidade e que nós iríamos mudar o esquema. Aí que passou a se integrar exatamente dentro do corpo da casa. Passou a fazer uma estrutura junto com a casa em si e as pessoas passaram a pagar a peça, incluída com a bebida, e foi e está sendo benéfico para todos. E, depois da peça o pessoal, eu destaco um funcionário para ir lá fora para ficar servindo os clientes porque acaba a peça, eles vão lá para fora... Eles vão fumar, interagir com os artistas e coisa e tal. (AREZO, Adão. 2016)

O *show* possuía uma linguagem que utilizava da característica de apropriação do pop, misturando videoquê, estética de cabaré, *show* burlesco, teatro de revista, *nonsense*, música brega, desfile de escola de samba, da TV e publicidade brasileira. O repertório musical incluía os sertanejos Milionário e José Rico, Fafá de Belém e Tetê Espíndola, entre outros, além de paródias escritas pelos artistas. Nesta salada imagética que constitui o espetáculo, o que antes era considerado de mau gosto se transforma em modismo, o que era visto como algo reles passa a ter a conotação de um objeto aprimorado. Isso porque estes artefatos ganham um novo significado diante do contexto em que são produzidos, e assumem, assim, uma valoração distinta.

Através da visualidade *trash*, o senso comum classificaria a maioria desses números como de gosto duvidoso, ou, de maneira mais direta, toscos, bizarros, horríveis, asquerosos, assustadores — pelo menos é essa a ideia presente no discurso dos próprios espectadores. Imaginar que o público *mainstream* não aprova tal estética é o elemento-chave para que esses possam ser cultuados (CASTELLANO, 2011).

Ou seja, a ideologia subcultural de construção de um gosto diferente do apresentado pelo público *mainstream* sustenta a existência dessa comunidade de fãs que celebram o “inassistível” — desagradável ou inacessível para a maioria do público. A forma de fruição



percebida nesse tipo de consumo está muito próxima ao *camp*<sup>6</sup>, sensibilidade estética que tenta dar conta da sensação de que algo pode ser bom justamente por ser muito ruim (JANCOVICH, 2002; SONTAG, 1987).

Os espetáculos do Buraco da Lacreia têm esse movimento quase involuntário de discutir temas muito pungentes, polêmicos, difíceis e, com muito humor, questionar as ordens do que é dito padrão em nossa sociedade. Temas como sexualidade, discussões sobre gênero, deficiência física, divisões de classes sociais, religião, violência, política, entre muitos que podem ser identificados nos vinte números componentes do *show*. E ao tocar na ferida, ir direto ao que o humor hoje tem dificuldade em tratar, por conta da atenção das minorias com as ofensas e brincadeiras frequentemente ofensivas da comédia brasileira, é que a intervenção pode ser dita como bem-sucedida ao buscar uma transformação, revitalizando sentidos e conceitos.

O elenco atualmente é composto por Luis Lobianco, ator, assumidamente *gay*, hoje com considerável reconhecimento midiático por conta da sua participação no canal Porta dos Fundos; Sidnei Oliveira, inicialmente maquiador, mas com o trabalho em grupo foi descobrindo vocação como ator e roteirista, também *gay*; Éber Inácio, ator de teatro há mais de 20 anos, experiente na arte do palhaço, *gay*, e Leticia Guimarães, atriz com formação em direção teatral, com experiência administrativa ficou com a direção de produção do *show*, declarada heterossexual e cisgênero. Em seguida, juntou-se ao grupo a atriz e cantora Simone Mazzer, ex-integrante do renomado grupo teatral carioca Armazém Companhia de Teatro, mulher, heterossexual, cisgênero e portadora de obesidade.

Ressaltei a orientação sexual de todos os componentes do grupo e a condição de gênero, para acentuar que o posicionamento do discurso dos espetáculos realizados, tem muito a ver com quem está proferindo. A expressão do grupo pode ser ouvida sem prejuízo porque é feita pela mesma minoria que usualmente é massacrada pelo humor. Os homossexuais, as mulheres, os corpos fora do padrão, acima ou abaixo do peso etc. Em geral, a diversidade não é considerada padrão na sociedade brasileira patriarcal, cisgênero e dominante. O sucesso do *show* com outros públicos além do segmento LGBT é justamente essa, a abertura com que trata de convenções que envolvem a todos.

No ano de 2014, o segundo *show* vem consolidar a parceria com a casa e a produção de conteúdo dos artistas. O “Buraco da Lacreia Cabaré On Ice” eleva o tom da proposta artística com um trabalho de produção mais elaborado. Houve um investimento de vinte mil reais feito pelos diretores do canal de internet Porta dos Fundos. O aporte é

---

<sup>6</sup> O *camp* se caracteriza por uma predileção pelo artificial e pelo exagero, por um tipo de esteticismo, uma forma de ver o mundo como um fenômeno estético. (Sontag apud Lopes, pg.95, 2002)

quase dez vezes mais do que o projeto do Dance Show que começou com dois mil e quinhentos reais investidos com um misto de verba pessoal dos integrantes e a venda de ingressos antecipados.



Fig. 3 – Chamada virtual da estreia do espetáculo. Detalhe para as logomarcas dos apoiadores.

Fonte: Página do Buraco da Lacraia Cabaré On Ice no Facebook.<sup>7</sup>

Com a verba, o grupo pôde investir em materiais para figurinos e adereços. A qualidade do que foi apresentado no produto final ficou visível perto dos antigos elementos doados e/ou feitos com o baixo orçamento do *show* anterior. Além da captação de recursos financeiros, mais parcerias foram realizadas através de conhecidos que assistiram ao primeiro *show*. A cenógrafa Gisele Barreto concedeu apoio por meio de sua empresa Escritório de Arte. Ela investiu no espetáculo para criar um novo ambiente cênico e executar a cenotécnica em conjunto com a produção do espetáculo.

Sobre o impacto do espetáculo na casa, Leticia Guimarães comenta:

A casa depois do show teve um retorno muito grande de mídia. E isso por causa do show. O show tem uma mídia, um histórico de mídia espontânea impagável no sentido literal, não no sentido de ser muito bacana. É muito bacana, mas jamais a gente poderia pagar pela divulgação que a gente recebeu espontaneamente dos jornais, dos programas de TV, dos formadores de opinião que um foi levando o outro... Então isso, é lógico, impactou nosso trabalho positivamente e a casa também. A casa passou a ser um polo de liberdade. Uma referência de lugar underground, de

<sup>7</sup> Disponível em

<<https://www.facebook.com/buracodalacraiacabareonice/photos/a.1437768146482271.1073741828.1436519303273822/1438391563086596/?type=3&theater>>

democracia. E isso se instaurou com a nossa presença fixa lá, com a nossa resistência. A nossa resistência cultural da nossa temporada sem fim. Instaurou um lugar novo na cidade e isso tem um impacto. Tem impacto na moça do churrasco que vende mais. Tem impacto no salário dos funcionários que melhorou, eles ganharam também mais estabilidade para trabalhar. Tem mais público. A casa abre outras vezes, faz eventos fechados, faz aniversários, faz lançamento de filme, lançamento de livro, ela virou esse lugar de referência. (GUIMARÃES, Leticia. 2016)

A partir da presença de “Cabaré On Ice”, os artistas passaram fazer uma espécie de curadoria como em uma verdadeira ocupação teatral, muito comum nos teatros da cidade do Rio de Janeiro, em que as companhias cuidam do espaço e programação, seja para preencher outros dias da programação ou mesmo realizar triagem de outros artistas que demonstram interesse em se apresentar na casa. Antes da aprovação por Adão, toda a atração adicional passa pelo crivo do grupo.

Com esse processo de ocupação artística e curadoria, aconteceu a chegada dos *shows* cômicos aos sábados. Como mestre de cerimônias o lugar apresenta a *drag queen* Karina Karão, que apresenta números curtos de humor junto de outras artistas convidadas para participações especiais. Os nomes das caricatas Suzy Brasil e Samara Rios são os mais frequentes nos materiais de divulgação, mas já passaram por lá Desiree Cher, Edilene Água Suja, Stephanie Camburão, entre outras parceiras de Karina.

O mesmo aconteceu com o cantor, vocalista do bloco carnavalesco “Fogo e Paixão” Matheus Von Krueger, ou Matheus VK. Surgiu a ideia de fazer um *show* com um repertório de músicas autorais com outras de levada brega, o “VK no Buraco”. Criado pela dupla Alê Youssef e Daniela Gleiser, o *show* de Matheus lotou a casa, que ainda não abria as portas às quintas-feiras. Segundo avaliou Adão, “apostar num projeto experimental é um risco duplo, para mim e para ele” — sobre eventualmente abrir a casa mais um dia da semana.

Nas sextas-feiras, em caso de ausência de Simone Mazzer por conta de outros compromissos profissionais, para realizar o *show* de abertura de “Cabaré On Ice” alguns artistas interessados em realizar performances no Buraco da Lacraia também ganharam a oportunidade. Numa edição, a casa recebeu a cantora Teresa Cristina que realizou uma apresentação surpresa, sem divulgação nem aviso prévio aos clientes. Segundo a cantora, ela executou “músicas que ela só canta no chuveiro” sucessos nacionais e internacionais considerados bregas como “Hello” de Lionel Richie. O grupo de *funk* “Dream Team do Passinho” e a transformista Scarlet Sangalo, *cover* oficial da cantora Ivete Sangalo, também já fizeram a abertura no lugar de Mazzer.

O sucesso do *show* projetou o espaço para outra esfera. A casa tornou-se objeto de desejo para outros profissionais de diferentes áreas, tais como: cinema, saúde, literatura, artes plásticas etc. A boate já foi locação para filmes, clipes musicais, lançamentos de livros, projetos de prevenção contra a AIDS, entre muitas novas funções além da oficial — uma casa noturna.

Com representatividade no movimento LGBT, o espetáculo *Cabaré On Ice* ganhou o décimo terceiro prêmio Arco-Íris de Direitos Humanos na categoria Arte e Cultura em 2015. O reconhecimento dos artistas não se deteve ao prêmio, o *show* também foi convidado para ser apresentado fora do Buraco da Lacreia.

Em 2014, *Dance Show* foi apresentado na Virada Cultural Paulista, evento que mobiliza toda a cidade em atividades artísticas em São Paulo, onde se estima a presença de 1.000 espectadores. No mesmo ano, o grupo foi convidado pela agora extinta boate Playground a realizar uma temporada de um mês em São Paulo. O *show* apresentado era uma mescla entre números do *Dance Show* e *Cabaré On Ice*.

No Rio de Janeiro, o Galpão Gamboa também recebeu no ano de 2012, uma apresentação de Buraco da Lacreia *Dance Show* e, em 2015, o Buraco da Lacreia *Cabaré On Ice*. Ainda em 2015, os artistas do grupo fizeram uma participação especial no evento “Desbunde Geral”, que contou com *shows* de Johnny Hooker e Simone Mazzer no Circo Voador.



Fig. 4 – Os jornais destacam ainda mais mudança de *status* da casa em decorrência dos shows.

Fonte: O GLOBO.

Da boate para além do seu universo LGBT, onde quer que o grupo fosse o Buraco ia junto. Elevando a boate como ambiente democrático, em que todos podem ter seu espaço. O próprio caraquê sugere isso: qualquer um pode ter seu instante de expressão no Buraco da Laceria. Isso atraiu os olhos de muitos formadores de opinião e mesmo de artistas famosos que encontram na boate esse tratamento igualitário e se mesclam com a multidão. No ano de 2016, a atriz vencedora do Oscar de Melhor Atriz Coadjuvante Alicia Vikander foi ciceroneada ao Buraco da Laceria por amigos brasileiros.

Tratando de projeção internacional e turismo, o site Trip Advisor é uma plataforma interativa em que internautas opinam e dão recomendações turísticas. O Buraco da Laceria se encontra em sétimo lugar num ranking de 115 estabelecimentos indicados para visitaçao na categoria “Vida Noturna” da cidade do Rio de Janeiro. Comparativamente, nessa lista, a The Week, boate famosa internacionalmente, encontra-se em 15º lugar.

Diante de tantos êxitos, entretanto, a manutenção do espetáculo ainda é muito limitada. Sobre este aspecto, Leticia que administra as verbas de produção é bastante consciente dos potenciais de lucro e explica como funciona a divisão da bilheteria:

Então, a pessoa paga de quarenta a quarenta e cinco reais e a gente tem em média de quinze a dezessete reais por bilheteria (ingresso). Isso foi aumentando um pouquinho ao longo do tempo, mas acabou que não tem como passar muito disso. Então, a gente tem mais ou menos quarenta por cento da bilheteria e esse dinheiro ele varia de acordo com o número de pessoas ao longo do mês. A casa é pequena, não comporta muito mais do que cento e cinquenta pessoas no espaço do videoquê onde a gente se apresenta. Então, é preciso administrar por mês essa bilheteria e fazer escolhas. É uma produção que ela não pode se bancar inteiramente. Ela precisa fazer escolhas. Então, a gente começou a fazer escolhas, primeiro, para pagar as pessoas minimamente e, com o que sobrar, o que for extremamente necessário: produzir... Seja uma peruca, um sapato [...].(GUIMARÃES, Leticia. 2016)

Mesmo com dificuldades no que se refere às condições de manutenção e produção, tanto o “Buraco da Lacreia Dance Show” quanto o “Buraco da Lacreia Cabaré on Ice” afetaram a boate e todos direta ou indiretamente ligados a ela. A boate ganhou fôlego para se manter aberta, ganhou uma relevância no cenário cultural noturno e na mídia, os funcionários ganharam estabilidade, os artistas da cidade ganharam um palco a mais.

Do lado de fora, o comércio também é influenciado pela repercussão da casa. O movimento da rua André Cavalcanti na madrugada atraiu comerciantes informais e taxistas. Um restaurante foi inaugurado ao lado da boate. A lanchonete da esquina e o bar próximo também dependem parcialmente da circulação de clientes do Buraco da Lacreia.

[...] ocupação que não é só do Buraco, mas uma ocupação da rua porque depois do espetáculo a rua fica cheia. E várias pessoas que não vão assistir o [sic] espetáculo porque estão em outro compromisso, estão fazendo outra coisa, vão pra lá depois encontrar os amigos. E já se fala em Baixo Buraco, que é o lugar de encontro das sextas-feiras, muitos amigos meus vão depois, enfim. Então já é uma ocupação da rua. Tem do lado a tia que vende churrasquinho. Todo mundo já conhece a tia que vende churrasquinho porque sabe que ela está lá e o público dela já é um pouco o público o Buraco também. Então de certa forma ela se beneficiou também disso. A lanchonete da esquina que o pessoal diz “Ah, onde a gente come aqui?” e a gente indica “Tem lanchonete da esquina”. Então, eles não sabem, mas também já foram beneficiados por isso. (LOBIANCO, Luis. 2016)

Neste capítulo, procurei demonstrar, baseada principalmente em minhas entrevistas e na utilização da pesquisa de campo, que existem diversas questões subjetivas como também práticas na resignificação que ocorre na boate Buraco da Lacreia por meio de uma ocupação artística. Da mesma forma, as sutilezas do processo de “reciclagem cultural”

mostram que o *trash* devidamente processado pode se transformar, para alguns, em valioso capital.

## 5 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

*E*ste trabalho buscou demonstrar, por meio de um estudo de caso, como intervenções artísticas puderam afetar positivamente um espaço. Foram descritas as intervenções realizadas na boate Buraco da Lacreia, há 4 anos, e como elas interferiram na dinâmica da casa e seus arredores.

Antes de chegar ao tema central, no primeiro capítulo, buscamos a contextualização pelas boates e casas noturnas LGBT no eixo Rio-São Paulo, para poder compreender em que universo o Buraco da Lacreia está incluso. Um conjunto de espaços de lazer destinados a um público que sempre foi diferenciado e negligenciado, e que ao longo de décadas, criou um mercado consumidor bastante específico: o mercado cor-de-rosa. Esses espaços passaram por uma série de sucessos, com esse público, lotando as casas noturnas e consumindo a arte produzida por transformistas que figuram até hoje no imaginário LGBT. Mas a decadência aplacou as histórias dessas boates que, até os anos 1970 e 1980, eram cheias de *glamour*. A AIDS, o preconceito e a própria manutenção do mercado dificultaram a permanência das casas nas décadas 1990 e 2000.

No segundo capítulo, nos aproximamos da história do Buraco da Lacreia, que sofria com o panorama descrito para as outras boates. Um ambiente simples, frequentado por pessoas igualmente simples, a localização geográfica central que permitia o acesso para a periferia e a estética *trash* da casa deu a fama de inferninho para a boate. Mas isso não necessariamente seria a causa de decadência da casa, pelo contrário: abraçar essa fama poderia ser a salvação do espaço.

Então, no terceiro capítulo, chegamos ao recorte principal, a ocupação artística que ajuda a casa a sobreviver em tempos em que manter um espetáculo em cartaz por quatro anos sem patrocínio é quase um milagre teatral. A importância do caso Buraco da Lacreia para o trabalho de produtores culturais percorre como a possibilidade de compreender qualquer movimento de apropriação cultural e resignificação. É possível visualizar no conteúdo apresentado a chance de transpor esse conhecimento para muitos outros casos de intervenção artística e, assim, tornar mais consciente a injeção de valores positivos de reestruturação, requalificação ou reabilitação funcional.

O trabalho também abordou as condições de produção no nosso país. Falamos sobre a dificuldade de se produzir arte, de sobrevivência dos artistas LGBT e das dificuldades de manutenção das boates no mercado. Ainda consideramos a árdua tarefa



encontrada para a obtenção de apoio para a produção cultural e artística nos editais públicos. Mais especificamente, como o desamparo pelo sistema de fomento à cultura (Lei Rouanet/1991), possibilitou aos artistas do Buraco da Lacreia o impulso de realizar um espetáculo a partir de seus próprios modos de produção e tornou os *shows* Buraco da Lacreia Dance Show (2012) e Buraco da Lacreia Cabaré On Ice (2014) produtos agentes de transformação do seu espaço.

Nesta pesquisa, visei conectar a boate aos conhecimentos sobre produção cultural para desta maneira, contribuir com a literatura acadêmica voltada para a área. Este trabalho buscou a sistematização do conhecimento adquirido ao longo desta graduação, visando desmistificar, eliminar preconceitos e agregar informações dentro ambiente acadêmico.

Nos últimos dois anos, estive na boate, fazendo toda a sorte de trabalhos vinculados à produção: produção executiva, montagens e desmontagens, organização de camarim, manutenção de figurinos, recepção de convidados, organização de reservas, operação de luz, operação de trilha sonora, contrarregragem etc. Minha presença na casa coincide com a estreia do segundo *show* e o progresso na elaboração dos meios de produção encontrados pelo grupo. Inicialmente, minha função era apenas ajudar na execução da montagem do “Cabaré On Ice”, mas logo a procura crescente me fez permanecer e observar a particularidade do Buraco da Lacreia e do movimento artístico que ali se fortalecia. Sob a direção de produção de Leticia Guimarães, tive a oportunidade de aproximar-me de cada etapa de produção do *show*.

O Buraco da Lacreia passava por grandes dificuldades antes dos *shows*, com o perigo da falência e o interesse do grupo (formado por Luis Lobianco, Sidnei Oliveira, Leticia Guimarães, Éber Inácio e Simone Mazzer) pela casa, agregou condições para que a boate conseguisse vencer a crise. Aqui busquei compreender como uma intervenção artística pode modificar um ambiente no imaginário de um público e cativar novas visões.

O estudo foi realizado a partir do levantamento em fontes primárias — pesquisa de campo — com a realização de entrevistas. Adotamos essa linha de pesquisa para não perdemos de vista o foco do estudo de caso. Contudo, também realizamos levantamentos bibliográficos em livros, artigos, revistas do segmento LGBT e, também, de pesquisa digital para obter as informações específicas relativas ao contexto sociocultural, bem como informações históricas e síntese de conceitos necessários para a descrição do fenômeno analisado.

A partir do exposto, é possível concluir que com a presença artística na boate, o Buraco da Lacreia permanece como local de resistência da cultura LGBT carioca e

também como ambiente acolhedor e democrático para todos os públicos afastando-se da possibilidade de extinção nos próximos anos.

## ANEXO 1 – ROTEIRO DOS SHOWS

### **Pocket-show de abertura: Simone Mazzer**

1. Porque Brigamos ( I Am... I Said) – Diana | Composição: Neil Diamond - Versão: Rossini Pinto
2. Miss Celie's Blues (Sister) – Quincy Jones | Composição: Lionel Richie Jr. / Quincy Jones / Rod Temperton
3. Amendoim Torradinho – Ney Matogrosso | Composição: Henrique Beltrão
4. Tango para Tereza – Ângela Maria | Composição: Jair Amorim / Evaldo Gouveia
5. É que Nessa Encarnação eu Nasci Manga – As Frenéticas | Composição: Luli / Lucina
6. Piensa en Mi –Agustín Lara| Composição: Agustín Lara / Rubén Blade
7. Heroes – David Bowie | Composição: David Bowie / Brian Eno
8. Lama – Núbia Lafayette | Composição: Mario Lago
9. Vingança – Lupicínio Rodrigues | Composição: Lupicínio Rodrigues
10. My Funny Valentine - Ella Fitzgerald | Composição: Richard Rogers
11. Balada Arrasada – Ângela Ro Ro | Composição: Ângela Ro Ro
12. Dancing Queen – Abba | Composição: Benny Andersson / Björn Ulvaeus / Stig Anderson
13. Tango do Mal – Simone Mazzer | Composição: Luciano Salvador Bahia
14. Babalu – Ângela Maria | Composição: Margarida Lecuona

### **Buraco da Lacraia Dance Show**

1. Prólogo Éber (chamando o público para começar)
2. CD – Rádio Saara
3. Entra no meu buraco (Entra na Minha Casa) | Composição: Régis Danese - Versão Luis Lobianco, Leticia Guimarães, Éber Inácio, Sidnei Oliveira e Patrícia Pinho.
4. Conversa bonita – Fafá de Belém | Composição: Chico Roque / Paulo Sérgio Valle
5. Pintinho Amarelinho | Composição: Hilton Júnior
6. Porto Solidão – Jessé | Composição: Zeca Bahia / Gincko
7. Boate azul – Milionário e José Rico | Composição: Joaquim e Manuel
8. CD Passista
9. Modinha para Gabriela – Gal Costa | Composição: Dorival Caymmi
10. Bethânia Mulher Maravilha (Mensagem) – Maria Bethânia | Composição: Cícero Nunes / Aldo Cabral + Todas as cartas de amor... Fernando Pessoa (Poesias de Álvaro de Campos)
11. CD - Roda Pião (Baú da Felicidade)
12. Brega-chique (Doméstica) – Eduardo Dussek | Composição: Eduardo Dussek / Luiz Carlos Góes
13. Kátia Cega (Lembranças) – Kátia | Composição: Roberto Carlos / Erasmo Carlos
14. CD – Kátia Flávia | Composição: Fausto Fawcett
15. CD – Passista
16. Amy Winehouse (Dois pra lá, dois pra cá + Back To Black) – Elis Regina + Amy Winehouse | Composição: Aldir Blanc / João Bosco e Composição: Amy Winehouse / Mark Ronson
17. CD Star Wars The Imperial March (Darth Vader's Theme) | Composição: John Williams
18. Escrito nas estrelas – Tetê Espindola | Composição: Carlos Rennó / Arnaldo Black
19. Ciganinha – Carlos Alexandre | Composição: Carlos Alexandre / Aarão Bernardo
20. Vou festejar – Beth Carvalho | Composição: Dida / Jorge Aragão
21. Banho de cheiro – Elba Ramalho | Composição: Carlos Fernando
22. CD Vinheta em Japonês
23. CD Bibi Piaf Milord (Milord)- Bibi Ferreira | Composição: M. Moanot / G. Moustaki.
24. CD - 3ª Passista
25. ON MY OWN – Nikka Costa | Composição: Lesley Gore / Michael Gore
26. Entra no meu buraco Remix (reprise acelerada)
27. Vá com Deus – Roberta Miranda | Composição: Roberta Miranda

**Buraco da Lacreia Cabaré On Ice**

1. Introdução – Vinheta Boate Azul
2. Entra no meu buraco (Entra na Minha Casa) | Composição: Régis Danese - Versão Luis Lobianco, Leticia Guimarães, Eber Inácio, Sidnei Oliveira e Patrícia Pinho.
3. Undererê (Desejo de Amar) – Eliana de Lima | Composição: Gabú / Marinheiro
4. Galinha Pintadinha versão em francês | Cantiga Popular
5. Porto Solidão – Jessé | Composição: Zeca Bahia / Gincko
6. Passista 1 (Vinheta)
7. Dinda ou Dindinha – Xuxa | Composição: Osmar Osman / Hélio Makumba
8. Cadeira de Rodas – Fernando Mendes | Composição: Fernando Mendes / José Wilson / Edir
9. Arrastão – Elis Regina | Composição: Têtes Raides / Vinícius de Moraes
10. Preta – Beto Barbosa | Composição: Beto Barbosa
11. Patrocinador - (Vinheta em Japonês)
12. Passista 2 (vinheta)
13. Hakuna Matata– O Rei Leão | Composição: Elton John / Tim Rice
14. Galopeira – Chitãozinho e Xororó | Composição: M.C Ocampo / Pedro Bento
15. Rosamaria Murtinho (Rosa Morena) - Dorival Caymmi | Composição: Dorival Caymmi
16. Vou festejar – Beth Carvalho | Composição: Dida / Jorge Aragão
17. Conga La Conga – Gretchen | Composição: Mister Sam
18. Meu Mundo Caiu – Maysa | Composição: Maysa
19. Mariana – Cantiga popular
20. Passista 3 (Vinheta)
21. Beija Minha Boca - Mr. Jam | Composição: Mr. Jam / Tarkan
22. Comércio Ilegal – (Um mundo ideal/A Whole New World) - Aladdin | Composição: Alan Menken / Tim Rice - Versão Luis Lobianco
23. Entra no meu Buraco (We are the World) – USA For America | Composição: Michael Jackson / Lionel Richie

## ANEXO 2 – ENTREVISTAS

### - Luis Lobianco, em 7 de janeiro de 2016

**[Thamires] Você frequentava o Buraco antes. Como era o Buraco da Lacreia antes do show?**

[Luis Lobianco] Bom, eu frequento o Buraco há pelo menos 15 anos. Eu ia lá para me divertir e vários amigos meus iam para lá, para o Buraco. O Buraco já tinha o esquema de bebida liberada naquela época que era um diferencial para quem não podia ou não queria gastar muito dinheiro. Então, você pagava uma quantia e bebia que é um esquema que funciona até hoje. Das semelhanças, eu acho que o Buraco sempre teve um caráter muito democrático. Um lugar que todas as pessoas de todas as partes da cidade se encontram. Não tem aquela coisa de público diferenciado, de gente isso ou gente aquilo, não. Por ser no centro, por ser na Lapa que já tem essa característica. Então, o Buraco ele traz também esse caráter e um lugar de muita diversão, que tem esse... Acho que é o único lugar do Rio de Janeiro, de boate e, mais especificamente boate voltada para o público gay, que tem esse conceito de clube que é o lugar que não é só para dançar. Você pode dançar, mas tem um bar que você pode conversar, tem o caraoquê, tem uma sinuca, tem a parte de fora que as pessoas ficam do lado de fora. Então, é um lugar de convivência. Assim, é um lugar de diversão e convivência. E isso sempre me atraiu, eu sempre gostei de lugares democráticos. Sem contar que a cerveja do Buraco sempre foi geladíssima, o que eu acho que mais do que uma satisfação é um cuidado que o Adão, o dono da casa, sempre teve de atender bem o seu público.

**[Thamires] Você acha que o rótulo LGBT facilita a entrada de outros públicos na casa?**

[Luis Lobianco] Eu acho que, no caso do Buraco, sim. Mas isso não é comum porque tem outros locais também LGBT que, por exemplo, dificultam a entrada de mulheres heterossexuais. Cobram mais caro que é justamente para ir só público gay. No Buraco, não. No Buraco sempre foi todo mundo. E, justamente, por ser um lugar muito democrático, muito popular e até kitsch, como o pessoal fala... Sempre atrai do público mais popular ao Cult Cool também. Sabe eu já vi vários artistas, jornalistas, carnavalescos, pessoas até... famosas internacionalmente no Buraco, no meio de pessoas muito... de todos os lugares da cidade, pessoas que você vê na rua. E os lugares LGBT não necessariamente são tão

democráticos. Tem lugares que gostam de só receber o público que pode pagar muito por uma bebida e que é uma forma de colocar ali um público que tem cara de rico, entendeu? Quanto mais caro você colocar, mais poder aquisitivo esse público vai ter e mais fechado vai ser esse público porque vai ser um público de uma região da cidade ou de... Eu já vivi uma experiência dessa época. Eu sou carioca e eu fui a uma grande boate que tem no Rio de Janeiro, em Copacabana. Eu tava vestido de carioca, não estava desarrumado, mas estava com uma bermuda, uma camiseta, no verão e uma sandália havaiana... E os seguranças não deixaram eu entrar porque eu tava de sandália havaiana. E, logo depois, veio um grupo de gringos, todos de havaiana e eles entraram. Eu fui questionar e o cara mandou eu ir embora. Isso numa casa LGBT.

**[Thamires] Que supostamente deveria abraçar uma diversidade...**

[Luis Lobianco] Sim, e não só sexual, mas cultural, enfim... Então, assim, o Buraco foge de tudo isso. O Buraco acolhe todo mundo, todo mundo.

**[Thamires] Desde sempre?**

[Luis Lobianco] Desde sempre.

**[Thamires] Inicialmente, eu pensava que o show é que havia trazido a diversidade do público, pelo que você disse não é bem assim...**

[Luis Lobianco] É, eu acho que o show ele evidenciou mais isso. E ele trouxe além desse público da noite, ele trouxe um público que também não era só da noite. Ele trouxe um público de teatro, por exemplo. E um público de teatro já é uma outra dimensão que se abre porque tem vários tipos de grupo de teatro. Esse espetáculo, ele atende a quase todos os tipos de público de teatro. Ele não é um espetáculo só para quem gosta de comédia. Ele não é um espetáculo só para senhoras que fazem grupos de van. Ele não é só um espetáculo para casal, como tem peças de casal. Ele atende a todos esses públicos. Tanto que todos esses públicos vão ao Buraco e se juntam a todos os públicos que frequentam a noite da Lapa. Então, é uma diversidade no sentido de, não de gênero, mas de cara mesmo, assim, que é muito impressionante. Todas as caras estão no Buraco. Todas classes... Todas as profissões. Intelectualmente, todos os níveis, sabe? De pensadores, pessoas formadoras de opinião até consumidores de opinião, até pessoas que só assistem TV, só assistem novela e tal. Então, o show ele abriu mais, forçou mais para fora uma vocação que o lugar já tinha...

**[Thamires] Como surgiu a ideia do show e como isso foi se desenvolvendo até hoje?**

[Luis Lobianco] É, bom... Para começar, nada disso que eu falei foi programado. Assim, tudo o que eu falei até agora em nenhum momento isso foi teórico tipo, “Ai, vamos abrir para todos os públicos”, nada disso. Éramos um grupo de atores, amigos, que frequentávamos esse ambiente da Lapa: o Buraco e outras casas. Mas o ambiente do caraoquê, o ambiente de cerveja de garrafa mais barata... Os ambientes baratos por ser mais democrático e porque a gente tinha pouco dinheiro. E, tínhamos o interesse de trabalhar juntos. Todo mundo, unir forças, criar alguma coisa e o teatro não nos atendia financeiramente porque as pautas são muito caras e nós não tínhamos dinheiro para investir. Ninguém era famoso e nada disso... Então, tínhamos desejo de fazer teatro, mas não éramos acolhidos por nenhum teatro particular por o aluguel ser muito caro, e nem nos públicos, porque os públicos normalmente contemplam companhias que já são normalmente contempladas. Então, todo mundo cansado de botar projetos para concorrer e tal... E ninguém ganhava nada. Então, a gente um olhou para a cara do outro e falou “Bom, a gente precisa criar alguma coisa em algum lugar. Vam’bora? O quê que a gente faz de melhor junto? A gente adora vir para Lapa cantar no caraoquê. Então, vamos fazer alguma coisa assim...”.

O Sidnei Oliveira, que estava nesse grupo, era muito amigo... é muito amigo do Adão Arezo, dono do Buraco da Lacerda, conversou com o Adão e o Adão abriu as portas para a gente... Para a gente fazer lá um mês e ensaiar um mês isso que a gente nem sabia o que era. O Adão sempre teve um desejo de ter alguma programação cultural dentro da casa. Ele sempre gostou muito, ele sempre teve o desejo de ter um centro cultural então foi super fácil essa conversa com o Adão. E aí fomos pra lá e ficamos um mês criando esse espetáculo com as nossas próprias referências, com as músicas que a gente gostava, com o que a gente se divertia e também a nossa queixa, o nosso discurso de como é difícil fazer, criar coisas no Rio de Janeiro, no Brasil, falando de cultura, e estreamos esse espetáculo para fazer quatro apresentações somente, quatro sextas-feiras. Só que desde a primeira apresentação, já cheia de amigos, as pessoas falaram que estavam vendo uma coisa que nunca ninguém tinha visto, que era muito inédito, muito novo, que iam trazer mais pessoas, e mais pessoas, e mais pessoas, e dessas quatro apresentações a gente não conseguiu parar e já estamos em cartaz há quase quatro anos.

**[Thamires] Eu acho que dentro do que você falou uma coisa muito importante para esse trabalho é a dificuldade de produção na cidade e uma maneira alternativa de se**

**produzir. E eu acho que isso é muito especial, é uma das partes mais especiais do Buraco, nos shows, é que não tem um modo de produção padrão. É claro que dentro tem coisas que não mudam, tem uma organização, mas que está fora desse circuito que a gente costuma ver de patrocínio, de tudo mais. Você acha que, se por acaso, conseguir um patrocínio isso muda alguma coisa? Você acha que o investimento externo muda alguma coisa na estrutura ou você acha que as coisas tendem a se manter do mesmo jeito?**

[Luis Lobianco] Eu acho que foi tudo muito atípico porque é normalmente isso, as pessoas vão e buscam patrocínio, recebem o patrocínio, o patrocinador ele dá as cartas de como tem que ser, dentro do que ele recebeu, e a coisa acontece. A gente fez o contrário, a gente começou sem nada e a coisa por si se manteve e se promoveu. Então eu acho que o patrocinador que chegar agora ele vai ter que se adaptar ao que já acontece, entendeu? Acho que isso está muito claro. É o caminho inverso. Ele não pode arrancar o que já funciona, entendeu? A gente vai ter que encontrar brechas para ele entrar. Como é um espetáculo muito aberto é muito fácil, muito possível isso acontecer, mas é o caminho inverso sim, eu acho que sim.

**[Thamires] E, por agora, qual é o impacto do show na casa?**

[Luis Lobianco] Bom, o Adão ofereceu pra gente a sexta-feira porque era o dia mais caído da programação. A casa ela abre vésperas de feriado, sexta e sábado. Véspera de feriado depende muito de como é o feriado, da época do ano e tal. Tem vésperas que são muito boas, outras nem tanto porque a cidade está vazia, enfim. Sábado sempre foi um dia muito forte da casa. De um público gay muito fiel, que frequenta, que já vai ali há muito tempo e que vai pra dançar, pra beijar na boca, pra não sei quê e lá, lá, lá. A sexta-feira acabou ficando meio no limbo. Ela ficou um dia que as pessoas preferem ir para um outro lugar. Então a sexta-feira lá era muito vazia. Funcionava, mas era muito vazia. O Adão quase que tomava prejuízo às sextas-feiras, por isso mesmo ele ofereceu esse dia pra gente. Desde que a gente estreou não houve mais uma sexta-feira vazia no Buraco. E trouxe um outro público. Não mudou o público, mas trouxe mais um outro público. É uma gente muito diferente, muito heterogênea, são vários caras, curiosamente falando em gênero, todos os gêneros, todas as orientações, casal hétero, casal gay, transexual, enfim. Pessoas de todas as idades, de todas as cores, de todas as classes, de todos os bairros e é muito bonito, é um público muito bonito. Tem essa coisa que inventaram, né? Gente bonita, que é um padrão. Lá realmente tem gente bonita porque é gente muito diferente. Bonito é o que está entre



essas pessoas. É... E um interesse muito grande da classe artística, que é uma coisa que promove a casa, naturalmente isso promove a casa. Então sempre tem pessoas famosas ou muito famosas, ou muito conhecidas do público, e sem distinções. “Ah, tem uma área vip, tem não sei o quê, a pessoa entra pelos fundos”. Não tem nada disso. A pessoa entra como qualquer um, senta lá como qualquer um e depois fica na porta tomando cerveja com o copo de plástico como qualquer um. Isso é quase inacreditável. E pouco assédio, né? Porque pessoas muito famosas às vezes elas vão numa boate na zona sul e elas não conseguem se divertir porque tem um paparazzi, tem não sei o quê, tem isso, tem aquilo. No Buraco não. As pessoas ficam completamente tranquilas. É óbvio que as pessoas querem tirar uma foto, não sei o quê, mas eu tenho muitos amigos artistas e todos comentam isso que {o Buraco} é o lugar que elas mais se sentem à vontade no mundo porque é muito natural, todo mundo age muito naturalmente com isso. Então é isso: a sexta-feira bombou! Em quatro anos virou um ponto de encontro, uma ocupação que não é só do Buraco, mas uma ocupação da rua porque depois do espetáculo a rua fica cheia. E várias pessoas que não vão assistir o espetáculo porque estão em outro compromisso, estão fazendo outra coisa, vão pra lá depois encontrar os amigos. E já se fala em Baixo Buraco, que é o lugar de encontro das sextas-feiras, muitos amigos meus vão depois, enfim. Então já é uma ocupação da rua. Tem do lado a tia que vende churrasquinho. Todo mundo já conhece a tia que vende churrasquinho porque sabe que ela está lá e o público dela já é um pouco o público o Buraco também. Então de certa forma ela se beneficiou também disso. A lanchonete da esquina que o pessoal diz “Ah, onde a gente come aqui?” e a gente indica “Tem lanchonete da esquina”. Então, eles não sabem, mas também já foram beneficiados por isso. Estacionamento... É, a gente nota que o impacto... (não fica só na casa) Exatamente! Começa a se transformar e quem tá atento a isso se dá bem porque aproveita esse público que temos aí...

**[Thamires Trianon] Essa é uma das últimas perguntas... É sobre o tempo de vida do Buraco. São quase 30 anos de boate e o show ajuda essa boate resistir mais ainda. Como você acha que isso funciona, uma casa LGBT resistindo por quase 30 anos na cidade do Rio de Janeiro?**

[Luis Lobianco] Eu acho que... Principalmente pela presença do Adão, que é o dono e idealizador desse lugar, desse espaço: o Buraco. O Adão ele nunca colocou o empresário na frente do humano, do cara que tem um desejo de criar encontros e criar um lugar de alegria e de festa. Esse sempre veio primeiro, depois veio o empresário. Não que ele seja

um mau empresário! Até porque uma pessoa que tem uma casa durante 30 anos não é um mau empresário. Ele inclusive foi um dos primeiros, se não o primeiro, a criar esse esquema de Beer Fest no Rio de Janeiro. Não existia bebida liberada, cerveja liberada a noite toda e ele criou isso com a visão de empresário. Mas uma coisa que faz a diferença nessa relação que a gente tem com ele é que, por exemplo, no primeiro mês de ensaio quando não existia o Buraco (da Lacreia Dance Show), quando a gente não sabia se ia dar certo ou não, e que ele abriu a porta da casa para a gente... Ele não contava quanto a gente estava gastando de luz ou quanto tempo a gente ficava lá dentro fazendo barulho. Muito pelo contrário, ele ia na padaria e comprava um lanche maravilhoso e todo mundo tomava café junto e cria-se assim uma cumplicidade, um coletivo mesmo. Acho que fala-se muito hoje em coletivo, mas o coletivo eu acho é um pouco mais do que um grupo que quer criar alguma coisa. O coletivo é um grupo que se gosta que pensa igual que acredita numa alguma coisa e cria-se uma família artística. E acho que o Adão é uma figura muito central nessa criação dessa família artística sem querer ou não. É a mesma coisa que ele faz com os funcionários, as pessoas que trabalham no buraco, os seguranças, atendentes de bar, garçons, todos jantam juntos e ele sempre faz uma oração e todos comem juntos antes da casa abrir. Então, eu acho que isso tudo contribui para que seja mais do que um bar, seja mais do que um lugar que vende bebida, mas sim, uma instituição quase que familiar. Assim, eu levei pessoas da minha família. Esse tempo todo eu levei várias pessoas da minha família no Buraco para conhecer e vários amigos e todos comentam a mesma coisa que mesmo sendo um lugar de festa, de orgia, de bebida, de inferninho... Existe um espírito de família assim muito perceptível no ar do Buraco e todos percebem que ali é um lugar que tem uma harmonia realmente familiar. Eu realmente acredito que quando você cria isso em qualquer lugar, seja uma padaria, um açougue... Você tem mais chances, assim, e as pessoas se sentem melhor nesse lugar e elas voltam, e elas querem conhecer todo mundo e tal. Eu acho que o Buraco tem isso, tem essa sintonia. Boate tem várias, várias que abrem, que fecham. Lugares para vender bebida e tem musica tem vários. Agora, realmente o Buraco só tem um e aquilo ali é único. Não tem em lugar nenhum do mundo. Pessoas que vem de outros lugares... Estrangeiros todos percebem isso e falam isso. Isso não tem em lugar nenhum do mundo essa identidade de lugar não tem em lugar nenhum.

## - Leticia Guimarães, em 16 de fevereiro de 2016

### [Thamires Trianon] Como era o Buraco antes do Show?

[Leticia Guimarães] É, eu fui acho que duas vezes ao Buraco antes do show em aniversário de amigos.

### [Thamires Trianon] Você lembra mais ou menos a época?

[Leticia Guimarães] 2002, 2003... Então, meio que dez anos antes do show começar. Eu me lembro, a minha maior impressão do Buraco... É lógico que eu amei o lugar de cara assim, pelo nome, quando me chamaram para o Buraco da Lacreia... E na época eu tava começando a frequentar a Lapa, muito antes da Lapa... No começo dos anos 2000. Entrei na faculdade no ano 2000, então toda quinta-feira a gente vinha pra Lapa. Então eu já me sentia *habitué* da Lapa, mas não essa Lapa onde é o Buraco que já é a região do Bairro de Fátima... Então, era uma Lapa nova, mas mesmo assim ainda era o começo dessa retomada da Lapa... Então, essas ruas para cá elas eram muito perigosas ou pelo menos tinham a fama de ser muito perigosas. Ninguém queria descer nesse ponto de ônibus, de onde tivessem vindo, a referência era sempre os arcos da Lapa. Então, era um misto de medo e curiosidade saber o que era esse lugar, essa Rua André Cavalcanti, que a gente já sabia e historicamente é um lugar de tráfico de drogas, de ponto de tráfico de droga que existe em todas essas ruelas da Lapa, mas por ser isolado tinha um peso assim de ser mais perigoso. De cara eu amei o lugar. O que eu posso dizer de como era antes, de ter ido só duas vezes, é que eu fui muito hostilizada. Sempre só tinha eu, mais duas ou três amigas e, talvez, mais duas ou três mulheres. Então, num ambiente totalmente masculino a gente não era bem vista no Buraco da Lacreia. Então, eu lembro de tomar algumas cotoveladas e, por ser muito baixa, e sempre ficar na fila do videoquê, a onda sempre foi o videoquê. Já amava, já cantava... E eu me lembro disso, essa é minha impressão de como era antes assim que era uma espécie de gueto e na verdade precisavam existir esses guetos também, era uma outra época... Como eu tava começando a faculdade e eu vejo hoje, trabalho com os gays, tenho estagiários gays jovens, a geração jovem gay, já passou uma geração, né? Já passaram mais de dez anos... As coisas mudaram muito... Então, era preciso que existissem guetos mesmo porque a repressão era ainda muito maior, por incrível que parece. Hoje a gente vive numa puta merda de homofobia, mas era muito maior há dez anos atrás... E o Buraco tem uma história mais longa mas a minha convivência tem a ver com isso...Então era um clima total de gueto e as mulheres eram muito mal vistas e não desejadas nesse espaço.

**[Thamires Trianon] E em aspectos físicos da casa?**

[Leticia Guimarães] O que eu me lembro é que não tinha balcão. Então, as cervejas... Já era cerveja liberada, sempre foi. Não sei se era o Marcinho, se era o Valtinho, mas era um dos meninos, um dos antigos... Botava todos os copos assim enfileirados, fazia uma porrada e ia servindo aqueles copos e quem quisesse ia pegando. Não tinha aonde fixar as garrafas, assim... Isso é o que eu me lembro. Não me lembro do banheiro. Não tinha as mesinhas lá fora e isso também tem uma razão de ser, não é à toa... Que também esse espaço não podia explodir para a rua, tinha que ficar da porta para dentro, essa manifestação, essa expressão, esse tipo de gente tinha que ficar recolhido, essa é uma diferença muito para o que existe hoje em dia.

**[Thamires Trianon] E de programação?**

[Leticia Guimarães] A programação que eu me lembro era o videoquê, porque era aonde eu ia participar. Existia o darkroom que era um forte da casa, considerado um forte da casa. Sempre fiquei muito chocada também com a ideia de existir isso, né? Como pode ser tão prático transar, ou chupar alguém ou fazer uma sacanagem no escuro, num quarto escuro, mas eu nunca entrei. Existia o darkroom, que era sim um forte, e o videoquê. E a gente via claramente que existiam os profissionais já do videoquê, pessoas que vivem para esse momento de lazer e é muito divertido isso.

**[Thamires Trianon] Desse tempo para cá, rolou a criação do show. Como isso se deu?**

[Leticia Guimarães] Bom, essa história todo mundo deve contar, mas cada um conta à sua maneira... O Adão queria trazer uma programação cultural para a casa e o Sidnei era o frequentador mais antigo, mais amigo, não é? E foi uma época que por acaso felizmente tava todo mundo muito mal de grana, desempregado ou praticamente desempregado... Então, surgiu a ideia de fazer uma coisa... nossa. A gente não sabia o que era. Achava que era uma peça de teatro musical que ia ter dramaturgo. Chegamos a falar com alguns dramaturgos... A gente achou que ia ter uma escrita de texto, de história e que esses personagens iam cantar. A inspiração era nesses personagens da noite. Era como esses caras se sentem na noite... A pessoa fodida, o trabalhador, o operário, o caixa de supermercado, o trocador da Kombi... Como ele se sente rei e gigante. É... e eu sempre citava nessa época uma musica que eu não sei qual é, do Raul Seixas que ele fala sobre um cara super comum, o Pedro num sei o que, que no futebol quando ele faz o gol, aquele

momento é onde ele é vivo, é grande, ele existe pro mundo, né? Ele é totalmente ignorado era só um cara comum e eu me lembrava muito disso. A peça ia ser sobre isso. Então, a gente ensaiou um mês. Porque tínhamos tempo para ensaiar um mês. Eu ia andando de Botafogo até a Rua André Cavalcanti. Andava seis quilômetros (risos). Não tinha o que comer. Isso faz parte da minha história dentro da produção do espetáculo, mas é muito marcante para mim. Porque eu não vejo isso como uma coisa de coitada, assim, eu sabia, eu tinha certeza que isso era uma roda que ia girar para frente a minha vida. E eu tava assim há seis meses sem emprego, a minha mãe me dava cinquenta reais para passar a semana, então eu tinha que fazer uma escolha. Então, eu comia ou feijão, ou batata ou macarrão. Então, eu ia a pé. Geralmente, deixava para comer depois. Então, chegava no Buraco era recebida com um café, um bolo (risos)... Sempre levava alguns elementos, a gente levava alguns elementos para ir experimentando e na volta, eu pegava o ônibus para ter a dignidade e depois fazer a minha única refeição do dia. E assim foi... Em um mês a gente conseguiu criar uma coisa que a gente viu que não era peça. O Rafa não ficou. Teve um outro amigo da Patrícia (Patrícia Pinho, ex-integrante do grupo) que não ficou. Pessoas que iam participar e acabaram saindo. Não tinha a ver com o que elas estavam a fim de fazer naquele momento, né? E para mim, para a Patrícia e pro Lobianco, naquele momento, e pro Sidnei - e o Éber ia entrar depois porque tava ensaiando uma peça, ele ia entrar no mês seguinte, mas já participava. Então, para nós aquilo fazia todo o sentido. Então, nisso se amarrou uma equipe. Existia mais gente. E virou o Buraco da Lacraia Dance Show. Que também a gente foi mudando bastante no começo. Mas do primeiro mês acabamos ficando até hoje. Tínhamos que vender rifas. A Patrícia pegou emprestado dois mil reais com uma amiga e cada um tinha que vender cinquenta rifas a dez reais. E a gente vendia, pedia pelo amor de Deus mesmo para quem não fosse para dar dez reais para a gente e no final a gente acabou gastando mais quinhentos reais no cartão da Patrícia, que a gente conseguiu de volta com a bilheteria do primeiro mês. Mas tudo era um risco porque ninguém tinha dinheiro.

**[Thamires Trianon] E você acha que isso tem a ver com algum momento de produção teatral na cidade?**

[Leticia Guimarães] Total. Porque ninguém conseguia emplacar nenhum outro projeto que tivesse que ter dinheiro. Ninguém conseguia emplacar um outro projeto, um outro trabalho e todos nós éramos artistas já no mercado há muito tempo. Então, isso tem tudo a ver. Então, a gente cansou de esperar e falou “Vamo fazer alguma coisa nossa”, com um

dinheiro emprestado. Eu, até hoje, não sei quem é essa pessoa que emprestou dois mil reais, mas sei que emprestou e era o único meio de fazer.

**[Thamires Trianon] E em questão de produção, mesmo não tendo um padrão assim, como você falou era uma coisa mais fora da corrente do mainstream da cena teatral do Rio, da galera que tem dinheiro, da galera que é patrocinada... E aí, você tem na sua mão essa produção de baixo custo e também total investimento de vocês. E isso depois com o tempo se manter vivo sem patrocínios e sem outras fontes de recurso. Eu quero que você fale um pouco sobre como é a produção do Buraco.**

[Leticia Guimarães] A produção do Buraco ela continua sem nenhuma verba externa, né? Ela vive somente de parte da bilheteria, que a casa tem uma noite completa, né, de open bar e todas as atrações... Então, a pessoa paga de quarenta a quarenta e cinco reais e a gente tem em média de quinze a dezessete reais por bilheteria (ingresso). Isso foi aumentando um pouquinho ao longo do tempo, mas acabou que não tem como passar muito disso. Então, a gente tem mais ou menos quarenta por cento da bilheteria e esse dinheiro ele varia de acordo com o número de pessoas ao longo do mês. A casa é pequena, não comporta muito mais do que cento e cinquenta pessoas no espaço do videoquê onde a gente se apresenta. Então, é preciso administrar por mês essa bilheteria e fazer escolhas. É uma produção que ela não pode se bancar inteiramente. Ela precisa fazer escolhas. Então, a gente começou a fazer escolhas, primeiro, para pagar as pessoas minimamente e, com o que sobrar, o que for extremamente necessário: produzir... Seja uma peruca, um sapato ou que nós mesmos podemos fazer, o que nós podemos ganhar, o que a gente pode pedir para alguém fazer... Então, ela é toda feita artesanalmente e na raça, com uma verba mínima. Se não a gente também não ganha nada, trabalha de graça. Melhorou, porque a gente melhorou um pouco essa porcentagem e melhorou até o número de horas que o Buraco... A gente só tinha bilheteria até as onze e, hoje em dia, a gente tem a bilheteria até as onze e meia, mas é um dinheiro fixo, ele não passa muito da mesma quantia todo mês, então, algumas pessoas já tem cachê fixo e nós mesmos recebemos de acordo com o que sobra.

**[Thamires Trianon] Fale um pouco sobre a equipe e organização para ter esse show hoje e antes, no início.**

[Leticia Guimarães] Na verdade, a gente precisou se dividir em funções mesmo, já que não tinha ninguém para fazer. Então, por exemplo, essa função do controle de público da bilheteria, que a gente chama da tesouraria, ela sempre ficou comigo e também na

produção, essas escolhas, os valores que são possíveis gastar, eu que tenho o controle sobre isso. As pessoas só recebem o meu aval ou não para comprar isso ou aquilo, a gente negocia porque eu que faço esse controle. O Éber e o Sidnei tem essas funções mais ligadas aos adereços, aos figurinos, a escolha estética de material e o Lobianco fica muito com essa parte e a Patrícia (Pinho) também fazia isso, muito essa parte de divulgação, de chamar gente, de ter uma troca mais humana... Para fora do buraco, para que aquilo se expanda, para que aquilo cresça. Mas todo mundo tem uma função de gestor do projeto na verdade. Porque o projeto é nosso. Ele depende da nossa organização, da nossa seriedade, do nosso comprometimento como qualquer outro. Ou talvez até mais que um projeto que tem um dono ou tem um tempo para acabar. Ele depende muito da nossa organização humana e profissional, de cumprir os horários, de se respeitar, de cumprir os compromissos, as metas que a gente se estabelece de criação artística, mas o mais difícil é manter o ritmo profissional dessa produção, já que ela nunca acaba. E, felizmente de relacionamento também, somos grandes amigos e lógico que isso conta para que a gente converse melhor. Mas independe dessa questão de amizade, esse comprometimento ele é profissional.

**[Thamires Trianon] Qual o impacto do show na casa e fora dela?**

[Leticia Guimarães] A casa depois do show, ela teve um retorno muito grande de mídia. E isso por causa do show. O show tem uma mídia, um histórico de mídia espontânea impagável no sentido literal, não no sentido de ser muito bacana. É muito bacana, mas jamais a gente poderia pagar pela divulgação que a gente recebeu espontaneamente dos jornais, dos programas de TV, dos formadores de opinião que um foi levando o outro... Então isso, é lógico, impactou nosso trabalho positivamente e a casa também. A casa passou a ser um pólo de liberdade. Uma referencia de lugar underground, de democracia. E isso se instaurou com a nossa presença fixa lá, com a nossa resistência. A nossa resistência cultural da nossa temporada sem fim. Instaurou um lugar novo na cidade e isso tem um impacto. Tem impacto na moça do churrasco que vende mais. Tem impacto no salário dos funcionários que melhorou, eles ganharam também mais estabilidade para trabalhar. Tem mais publico. A casa abre outras vezes, faz eventos fechados, faz aniversários, faz lançamento de filme, lançamento de livro, ela virou esse lugar de referência.

**[Thamires Trianon] A próxima pergunta é sobre a casa. São quase 30 anos de casa, uma casa voltada para o público LGBT. Como você acha que funciona essa resistência principalmente em se tratando da cidade do Rio de Janeiro?**

[Leticia Guimarães] Eu acho que a maior função dessa casa, existem outras, né? Por ela ser muito antiga e muito pioneira. Por ela estar nessa região central e marginal da cidade... Porque o público LGBT ele também é muito diverso, não adianta dizer que ele é uma coisa só. Ele também tem gostos diversos e granas diversas, não é? Possibilidades diversas... E esse lugar por ser considerado muito barato ainda, então ele atende a uma população LGBT mais pobre. Essa é uma função porque não adianta você enxergar como um todo. Lógico que as reivindicações por direitos e igualdade é a mesma, são as mesmas reivindicações, mas não é o mesmo público. Então, essa casa como resistência por atender e ser uma oportunidade desse público namorar. E... se expressar, se beijar, né? Poder se tocar. Essas pessoas poderem se tocar e ser quem elas são. Então muitas saem de casa eh... escondidas, né? Muita gente vai ao Buraco e ainda é um lugar escondido. E vêm de muito longe. Vêm de trem, vêm da Baixada, vem da Zona Norte, vem de todo o subúrbio, de lugares onde você não pode, onde você tem mais preconceito ainda de existir, de ser quem você é. Então aqui bem ou mal, você está mais ou menos perto do metrô, tem mais ou menos um monte de linha de ônibus, então estrategicamente ela atende a um público que já é duas vezes marginalizado: por ser LGBT e por ser mais pobre, né? Não é gente que vai na Boate 00 (zero-zero), na Gávea, é diferente. Então, ela também é a afirmação de uma classe social, também de um público LGBT.

**[Thamires Trianon] E essa resistência de 30 anos?**

[Leticia Guimarães] Cara, ela é um marco assim. Se a gente vivesse numa cidade ou num país em que realmente valoriza seu patrimônio cultural, esse lugar deveria tombado pela sua importância cultural. Ela é um marco. Agora sim, literalmente (hoje eu to literal pra caralho, eu sou mais poética, mas eu to bem literal - risos). Ela é um marco. Ela é fincada nesse chão como um patrimônio cultural que não acaba e que não vai acabar pelo público, né? Quem faz a existência dessa casa, por mais legal que seja a programação, por mais legal que seja o dono da casa, né? Que pensa nessa população. Quem faz são as próprias pessoas, quem faz essa resistência. Quem não deixou essa casa acabar foram as pessoas. Porque se dependesse dos gostos alheios ou da carece alheia, esse lugar não existiria. Ele é incomodo. Ele é um lugar incomodo. Ele é um lugar de resistência e é um marco, um patrimônio cultural.



**[Thamires Trianon] E esse público, ele ainda hoje é o mesmo ou o show trouxe mais algum público?**

[Leticia Guimarães] Não, ele certamente se ampliou. Esse público se ampliou. Ele não dá mais cotoveladas em quem chega... (risos) Isso, claramente. Não é só porque eu trabalho lá, mas claramente, todo mundo viu nesse lugar... e, na verdade, quando o mundo hétero se permite conviver com o mundo gay sem preconceito é um lugar de muita felicidade para todo mundo. Porque é uma comunidade que só quer viver, expressar sua liberdade como qualquer outra pessoa. Então, quando você vai nesse lugar onde as pessoas só querem ser livres, todo mundo se sente à vontade. Então, obviamente, o público se ampliou e se multiplicou como em poucos lugares você vê. Agora teve o carnaval, assim. Talvez no sambódromo você tenha uma diversidade tão grande de pessoas... Eu não digo nem nos estádios de futebol... Talvez no carnaval você tenha uma diversidade tão grande que possa conviver, mas na cidade é difícil ter um lugar onde tantas pessoas convivem, se divertem e se respeitam como no Buraco da Lacreia. Tenho certeza. É patricinha, é playboy, é intelectual, é artista de TV, é velhinha da van, é minha avó, as nossas famílias e as famílias de quem vai lá, dos frequentadores, se integra a esse movimento. É um moviMEN-TO!

**- Adão Arezo, em 8 de março de 2016**

**[Thamires Trianon] Queria que você falasse um pouco sobre a história do Buraco. Como é que você abriu? Como a casa mudou? O porquê desse nome...**

[Adão Arezo] É... Nós começamos lá na Cinelândia em... Agora a data não lembro... Eu sei que estamos beirando quase 30 anos já (risos). Mas era para ser um cassino que ficou clandestino porque na época foi proibido. Aí teve alguns clientes que começaram a entrar lá na casa. Nós abríamos até cedo, 9h ou 10h da manhã. Era eu, a Conceição [primeira esposa do Adão] e as filhas dela. E teve um momento em que eu tinha meia dúzia de clientes e, em uma certa ocasião eu vi, indo a um dos salões, que eram várias salinhas pequenas que cada uma tinha o seu banheiro. Eu vi dois garotos se beijando. Aí eu fiquei até meio sem jeito, assim, de como abordar até por causa das crianças que estavam comigo naquela época... Aí, a Conceição com mais sutileza, chegou e conversou... Discretamente, saiu um e logo em seguida saiu outro. Aí a gente tinha meia dúzia de clientes e acabamos perdendo dois. Passaram-se uns quinze dias, um deles voltou e conversou comigo, perguntou se eu tinha algum preconceito com relação a gays e eu disse que não, que

sempre tive amigos gays, que tenho um amigo até hoje, de quarenta anos. Aí ele falou pra mim que era para deixar a “tribo” dele, na época foi a expressão que ele usou, entrar. Aí, eu perguntei como é que eu deveria lidar com eles. E ele me respondeu, simplesmente, eu gostaria de ser tratado da mesma forma e eu disse “ah, tudo bem”. Ele só sugeriu que eu não deixasse acontecer coisas, ou seja, que rolasse drogas e baixarias. Aí um foi puxando um, puxando outro. E como, na época, eles procuravam lugares mais discretos, havia uma grande discriminação contra os gays, embora até hoje ainda exista. Mas, na época, eles procuravam lugares mais escondidos e essa nossa casa era segundo subsolo era exatamente o lugar ideal para eles, na época. E a razão do nome era porque você descia um lance de escada rolante, que não funcionava, andava em um corredor mais ou menos uns seis metros e descia um segundo lance de escada rolante. E esse movimento, esse vai e vem dele é que eles associaram a Buraco e a lacraia. Aí ficou Buraco da Lacraia.

**[Thamires Trianon] O que te fez mudar o local do Buraco?**

[Adão Arezo] É... Na época já... Ali, como era na Álvaro Alvim, existe varias transversais e depois de certa hora aquilo ali ficava muito... Meio deserto e havia já naquela época pequenos arrastões, aí os clientes viviam reclamando, dizendo que não podiam sair muito tarde exatamente por causa da violência que existia no entorno. Aí que eu saí procurando um outro espaço e aí que descobrimos esse aqui.

**[Thamires Trianon] Aí esse é um casarão mais antigo, você não sabe a idade do prédio?**

[Adão Arezo] Não, mas tenho que admitir que é uma casa bem antiga, sim, porque a construção dela é feita em pedra, as paredes e as colunas todas feitas de pedra.

**[Thamires Trianon] É, pela fachada, parece ser um casarão colonial, né?**

[Adão Arezo] Sim.

**[Thamires Trianon] Mas não tem nenhum documento que diga isso?**

[Adão Arezo] Não.

**[Thamires Trianon] E na casa “nova” vocês já estão há mais ou menos quanto tempo?**

[Adão Arezo] Aqui nós estamos desde oitenta e dois, ou seja... Não, oitenta e dois, não. Noventa e... Não, pera aí. Noventa e dois. São vinte e quatro anos. Isso. E na Cinelândia foram cinco. Estamos fazendo vinte e nove anos. Vinte e nove anos de casa e... Do mundo GLS!

**[Thamires Trianon] Do mundo GLS! E como você enxerga essa sua resistência com o Buraco? Já passaram crises, muitas situações políticas, moedas diferentes e você continua aqui. Você acha que isso se deve ao público LGBT ou se fosse uma outra casa qualquer seria do mesmo jeito? Como acha que seria?**

[Adão Arezo] Não, acredito que não. A gente aqui teve bastante altos e baixos, tá? Mas foi até minha persistência. Até, em torno do ano dois mil, a casa tava com um movimento bem baixo aqui. E foi num momento em que se criou, que eu tive um sonho e criei o sistema de open bar. Isso aí foi uma coisa que eu vi num sonho.

**[Thamires Trianon] E como era antes? Você cobrava a entrada?**

[Adão Arezo] É, eu cobrava a entrada e a bebida era separada.

**[Thamires Trianon] E por causa desse baixo movimento você mudou para o sistema open bar?**

[Adão Arezo] É, é como eu já havia lhe contado anteriormente, eu ficava muito preocupado com um golpe que existia na época que se chamava “Boa Noite, Cinderela”. Que era um comprimido, não sei direito, que colocavam na bebida das pessoas. E muitas delas conhecidas, graças a deus isso até então, nunca tinha acontecido aqui na nossa casa, mas eu sabia de muitos fatos desse e sempre ficava pensando em alguma coisa que pudesse solucionar. Até que veio esse insight. Foi um sonho, e tal, eu acordei com essa ideia e colocamos em funcionamento.

**[Thamires Trianon] E você acha que essa formula deu super certo?**

[Adão Arezo] É deu certo e eu acho que é imexível. Embora, eu sinta certas horas que não há uma grande margem de lucro através desse sistema... Mas de qualquer forma, dá para manter a casa, para pagar as contas, ter todas as contas em dia, aí eu não planejo mesmo mexer, não.

**[Thamires Trianon] E sobre esse sistema ser o primeiro do Rio, outras pessoas tentaram copiar?**

[Adão Arezo] É, vieram de outras casas. Assim que a história circulou, eu percebi que vinham grupos de pessoas aqui com o único objetivo de ver como é que funcionava o sistema. Às vezes as pessoas ficavam assim meia hora, quando chegava um grupinho assim que eu percebia um pouquinho estranho, ou seja, um pouco fora do contexto do dia-a-dia. E eu fiquei observando e, claro, já que “nada se cria, tudo se copia” outras casas também aderiram a esse movimento. O que eu acho que é benéfico para todos. E para o gay em si, ele fica mais seguro, não tem problema de alguém chegar e ficar pedindo um drink nem nada. Cada um chega e toma sua bebidinha, vai alternando, tem cerveja, refrigerante, água, tem gente que bebe caipirinha também, mistura tudo.

**[Thamires Trianon] E aí, sobre a programação da casa, a princípio era pra ser uma casa de jogos, a bebida sempre esteve presente e o dark room começou quando aqui?**

[Adão Arezo] Eu, necessariamente, não me recordo quando começou o dark room.

**[Thamires Trianon] Mas já foi aqui na André Cavalcanti?**

[Adão Arezo] É. Já foi aqui na André Cavalcanti. Mas eu sei quando ele acabou. Quando ele iniciou, eu não sei. Quando... Há uns quatro anos atrás, um pouco antes de entrar a peça do teatro, nós acabamos com o dark room. Até que as coisas que eu não sei bem explicar, eu pressinto certas coisas e é difícil de eu explicar isso, mas eu já vinha desejando que acabasse e quando eu acabei, obviamente, houve uma queda de movimento. Tinha um público de pessoas específicas que vinham, única e exclusivamente, para o dark room. Inclusive, pessoas essas que se afastaram.

**[Thamires Trianon] Você diria que era o carro chefe da casa?**

[Adão Arezo] Vamos dizer que, em parte, sim. Não era... Eu sempre tentei, quer dizer, minha visão é diferente. Se você sai na noite para namorar e paquerar, você pode namorar e paquerar numa boate. Mas eu acho que a relação em si, os finais, eu acho que tem que ser num lugar mais adequado, ou seja, na casa de alguém ou no motel muitas vezes.

**[Thamires Trianon] Você quis separar a sua casa que é uma boate, de uma casa de sexo, por exemplo?**

[Adão Arezo] Sim, perfeito. Não é porque eu tenha preconceito nem nada... Mas eu acho que é mais adequado. E até vem de encontro com essa mudança que houve com relação ao perfil do público com a vinda da peça de teatro.

**[Thamires Trianon] Então o dark room acabou antes da peça? Não foi a peça que acabou com o dark room?**

[Adão Arezo] Não, não... Foi uma consequência de outra. Ou seja, as coisas às vezes eu vejo um pouco a frente. Eu vejo as consequências que podem...

**[Thamires Trianon] Quer dizer que você perdeu um público, mas por um outro lado você ganhou outro em compensação por conta da peça...**

[Adão Arezo] Olha só, você que é amiga da casa e também já faz parte da família, olha como é que ficaria o perfil da casa com a peça de teatro, vindo pessoas do meio teatral, vindo artistas... E, sabendo que na própria casa que tem a peça de bom gabarito e que ela é muito bem falada, já saíram várias matérias, e ao lado você tem um dark room...

**[Thamires Trianon] Você acha que é contraditório?**

[Adão Arezo] Totalmente contraditório, totalmente. As coisas... Eu perdi por um lado e ganhei de outro.

**[Thamires Trianon] Mas esse dark room você terminou com ele por conta de algum problema? Por que o dark room acabou?**

[Adão Arezo] Bom, na realidade, o fim do dark room também foi uma consequência das pequenas adaptações que eu tive que fazer na casa. Em relação a saídas de emergência, tive que criar mais um espaço e aí eu acabei vetando o dark room.

**[Thamires Trianon] E você já não estava mais muito feliz com ele...**

[Adão Arezo] Não. Embora financeiramente houvesse um bom retorno. Pagava... Só a passagem que eles pagavam para entrar, que era irrisório na época, acho que era três reais, alguma coisa assim, era o preço do armário... Pagava dois funcionários.

**[Thamires Trianon] Com relação a isso, você não tinha mais nada contra o dark room, era só para diferenciar a sua casa de uma casa de sexo?**

[Adão Arezo] Não, não. Era até mais em função dos próprios descuidos dos clientes. Que eu percebia que os clientes bebiam... Não se preveniam adequadamente... Tá? E embora a gente falasse, embora eu tivesse um funcionário que distribuía camisinhas e tantas histórias que eu ouvi “Que eu não uso”, “que não sei o quê”, “que aquilo outro” e também já vinha me incomodando há um certo tempo isso.

**[Thamires Trianon] E como foi a chegada desse show aqui, você buscou esse show ou esse show veio até você?**

[Adão Arezo] Não, eu tinha contato com o Sidnei. Que eu já tinha pedido para o Sidnei fazer contatos com alguém da Globo, trazer alguma coisa diferente. Porque o meu objetivo, ao longo desses anos estando envolvido com o mundo GLS... Eu poucas casas eu conheço, poucas casas eu frequentei não por espionismo nem nada tal, mas eu sempre tentei cuidar primeiro da minha casa e criar um foco diferente. Eu já sabia pelos clientes do que acontecia, o que rolava, tipos de show mas sempre meu objetivo era fazer alguma coisa diferente para o mundo GLS. Aí veio exatamente, esse momento que eu conversei com o Sidnei, que ai ele trouxe, inicialmente trouxe a Patrícia (Pinho) que depois saiu, veio a Letícia, veio o Lobianco que eu já conhecia ele de vista, ficaram um mês ensaiando, e foi uma proposta que seria um mês, que inclusive a peça era uma hora antes de abrir a casa e eles ficaram incumbidos de vender cada um dez ingressos. Sendo que, quando acabava a peça, as pessoas assistentes, amigos, conhecidos, queriam interagir com os clientes (artistas) e ficou uma situação desconfortável, porque estava na hora de abrir a casa, e necessariamente a gente tinha que entre aspas colocar as pessoas para fora, para colocar a casa em funcionamento. No primeiro mês, eu ficando sabendo isso e quando houve a ultima apresentação disse que queria dar continuidade e que nós iríamos mudar o esquema. Aí que passou a se integrar exatamente dentro do corpo da casa. Passou a fazer uma estrutura junto com a casa em si e as pessoas passaram a pagar a peça, incluída com a bebida, e foi e está sendo benéfico para todos. E, depois da peça o pessoal, eu destaco um funcionário para ir lá fora para ficar servindo os clientes porque acaba a peça, eles vão lá para fora... Eles vão fumar, interagir com os artistas e coisa e tal.

**[Thamires Trianon] E agora você deixa as pessoas saírem, antes a casa ficava sempre fechada. Essa expansão das pessoas para fora, isso é por conta do quê?**

[Adão Arezo] Em parte, também foi por causa da proibição do cigarro, não é? Nós criamos as pulseiras, para as pessoas pegarem e saírem. Não necessariamente para fumar, mas para conversar, para respirar um ar puro, interagir, ficar mais à vontade...

**[Thamires Trianon] A casa não fica mais restrita as paredes. Tem um movimento fora por causa do Buraco da Lacreia...**

[Adão Arezo] Sim, porque inclusive uma coisa que tenho observado, que quando acaba a peça... Primeiro que tem pessoas que vem especificamente para ver a peça. Segundo porque depois, as pessoas gostam de fumar, de sair, ficar um pouco sentadas ali durante um... Tem o show da Simone, tem o show dos meninos, o Cabaré On Ice, e aí as pessoas querem pegar e esticar um pouco as pernas, conversar com os artistas, comentar sobre a peça para depois, aí sim, dar continuidade a noite deles: ir beber, cantar no videoquê...

**[Thamires Trianon] Você acha que o movimento da casa traz algum benefício aqui para a rua, você alguma coisa diferente nos últimos anos?**

[Adão Arezo] Traz, traz benefício para a rua. Inclusive no período que nós paramos no carnaval, nosso vizinho ali do bar de frente, ele estava ansioso que a gente retornasse, exatamente porque ajuda o movimento de todos. Tem um bar, tem a mulher do cachorro-quente, tem não sei mais o quê, churrasquinho e é benéfico para todos.

**[Thamires Trianon] Queria que você falasse um pouco desse público que mudou e do show, desses quatro anos de show, qual foi a sua impressão, o que você acha disso tudo e se você tem mais planos...**

[Adão Arezo] Não, o show trouxe pessoas aqui que eu nem sequer imaginava de que iriam vir aqui na minha casa. Ta? Longe disso! Já vieram vários artistas: Alexandre Nero, Camila Pitanga, Malu Mader... Uma que eu sempre fui fã, fiquei até sem palavras: Maitê Proença, sabe? É uma coisa que nunca passou pela minha cabeça. Meu projeto de trabalho, de negócio, era ter uma casa comum, dando para me sustentar, tendo uma equipe boa de funcionários, dando um trabalho para as pessoas e aí com a advinda da peça de teatro as coisas mudaram bastante. Ta? Graças a deus... A casa está indo bem... Houve algumas pequenas mudanças de perfil, mas eu acho que na realidade nesse momento que nós

estamos globalizados, não pode mais existir guetos e redutos, e lugares exclusivos, sabe? A não ser essas pequenas minorias, roqueiros, os metaleiros, os punks, aí já...

**[Thamires Trianon] Você acha que cada lugar tem uma tribo, mas essa questão LGBT você já não acha que...**

[Adão Arezo] Eu não acho que ela tem que ser tribo, eu acho que ela tem que ser aberta para todos os públicos e eles mesmos têm que ficar satisfeitos de que as pessoas heteros e simpatizantes estão vindo, abraçando a causa deles, somando...

**[Thamires Trianon] Aqui o público é majoritariamente gay e masculino, mas agora vem mais mulheres, mulheres lésbicas, mulheres trans...**

[Adão Arezo] Sim, também, porque hoje já tem a geração Z. Hoje nada ninguém tem nada a ver com seu comportamento, com sua vida... Pode ser homo, pode ser bi, pode ser hétero, ninguém mais tem que necessariamente dar uma satisfação para a sociedade. Aliás, eu nunca dei satisfação para a sociedade. Porque a sociedade nos cobra tudo e não nos dá nada. Então, as pessoas que vem aqui são amigos dos amigos. E as pessoas já sabem e vêm para ver a peça e sabem que é uma casa gay e são simpatizantes e eles não se incomodam com os gays, com os gays se beijando e tudo, sabe?

**[Thamires Trianon] É um lugar de liberdade?**

[Adão Arezo] É um lugar de liberdade, ué!

**[Thamires Trianon] E você, por enquanto, tem mais algum plano novo de programação?**

[Adão Arezo] Algumas pessoas têm me procurado, têm mandado propostas e tudo. Mas eu no momento, não acho viável a gente abrir mais um dia, assim... Nós fazemos as festas com o Matheus VK, uma vez por mês, mas é um pouco arriscado a gente fazer até por causa do custo. O custo, o momento em que nós estamos vivendo, está uma certa incerteza política, social, econômica... Mas eu gostaria de ter algum dia, amanhã ou depois, um espaço para mais alguém, algum tipo de evento... Nesse segmento mesmo de teatro...

**[Thamires Trianon] É verdade que você planeja fazer um teatro, um novo ambiente ou não?**

[Adão Arezo] O meu sonho seria, mas o problema é a grana.



**[Thamires Trianon] Por enquanto ainda não é viável?**

[Adão Arezo] Por enquanto ainda não é viável. O projeto ainda não saiu do papel... Quer dizer, foi-se colocado no papel, mas o custo era muito alto... Um investimento muito alto.

**[Thamires Trianon] Por enquanto você tem a Karina, o VK e o Cabaré On Ice?**

[Adão Arezo] Perfeitamente. E os garçons (nus) aos sábados como atrativo.

**[Thamires Trianon] Queria que você comentasse a chegada dessas outras programações.**

[Adão Arezo] Então... A Karina e o VK chegaram depois, até por própria indicação dos meninos... Foi uma coisa que a gente foi criando alternativas... Talvez amanhã ou depois, não sei a gente possa fazer alguma coisa diferente aos sábados além da Karina, ou alguma coisa exclusiva com a Karina, voltado para o público que vem especificamente aos sábados que já é um público mais diferente do de sexta.

**[Thamires Trianon] O público que vem ver o show de drag é diferente do público que vem ver o show de teatro?**

[Adão Arezo] É sim.

## **- Conceição Drummond, em 11 de março de 2016**

**[Thamires Trianon] Você trabalhou na casa desde que abriu até mais ou menos 97?**

[Conceição Drummond] É mais ou menos isso, até noventa e nove.

**[Thamires Trianon] Eu imagino que essa história de dark room tenha vindo mesmo pelos anos 2000, né? Quando você já não estava mais...**

[Conceição Drummond] Não estava mais... Fiquei muito afastada. Eu não sei por quê e nem como veio essa ideia.

**[Thamires Trianon] Mas era super lucrativo, que ele disse...**

[Conceição Drummond] É, o pessoal gosta de uma farra, né? Aí foi isso, no caso naquele lance ele me chamou, aí eu fui lá, falei com os rapazes que estavam se beijando e tal, aí

ficamos amigos, né? Sentei na mesa com eles, conversei. Aí eles perguntaram qual era o nome dele, aí falei que era Adão, aí perguntaram o meu. Aí quando falei que era Conceição, eles falaram: não, mas você não é a Eva? Se ele é o Adão você é a Eva. Aí eu falei “olha só, eu não sou a Eva, eu sou a Lilith”. A Lilith, a menina, né? Aquela que não era submissa, não sei o quê, não sei o que lá. Aí eles ficaram me chamando de Lilith um tempão depois disso. Mas lá era uma coisa assim muita mágica, lá na Cinelândia. Era um buraco mágico porque sabe quando tudo dava errado, mas no final dava tudo certo.

**[Thamires Trianon] Mas errado em que sentido?**

[Conceição Drummond] O pessoal perturbava muito, parava escada rolante, não funcionava, aí começou a ter infiltração, começou a cair água lá dentro, cair parede, aí a gente parou de pagar aluguel e colocaram a gente na justiça e a gente colocou eles também, ficou um processo contra o outro. Aí de vez em quando alagava lá e o pessoal dançava dentro d’água mesmo, aquela farra...

**[Thamires Trianon] Mas alagava com chuva?**

[Conceição Drummond] Alagava com chuva porque caía... tinha infiltração então vinha lá de cima, vinha de cima de um Chopp House, que era um restaurante, o primeiro subsolo era a cozinha deles.

**[Thamires Trianon] Esse espaço na Cinelândia não era na Álvaro Alvim? Ele ficava perto do Rival, onde é aquele Cinema?**

[Conceição Drummond] É assim, tem o Amarelinho na esquina. Do lado do Amarelinho era o Verdinho, esse Chopp House, que a gente ficava ali embaixo. É o prédio mais alto que tem na Cinelândia e a gente estava lá embaixo. Um prédio todo de vidro preto, janelas todo de preto, ele dava para a Cinelândia e para a Álvaro Alvim. Ele dava para os dois prédios.

**[Thamires Trianon] Ah, sei, é onde é do lado do prédio do Mc Donald’s hoje, tem um Mc Donald’s do lado do Verdinho.**

[Conceição Drummond] É, acho que era... Eu sei que tinha o Amarelinho, o Verdinho, tinha um Vermelhinho, um Azulzinho... era um do lado do outro! O cinema funcionava ainda e tinha muitos bandidinhos por ali, né.

**[Thamires Trianon] É, ele falou. Foi por isso que vocês quiseram mudar dali.**

[Conceição Drummond] É tinha muito bandidinho. Não sei... a gente quis também mudar porque estava muito perigoso aquilo ali embaixo, estava caindo muita parede, e a gente tinha medo que aquilo caísse, aquele prédio enorme em cima. A gente tinha medo.

**[Thamires Trianon] Por causa dessa falta de cuidado do prédio?**

[Conceição Drummond] É, e eles não consertavam nada, aí ficou isso. Com isso, com essa briga, a gente conseguiu ganhar algum dinheiro para poder fazer alguma coisa.

**[Thamires Trianon] E aí vocês saíram e procuraram outro lugar?**

[Conceição Drummond] É, aí depois disso a gente saiu para procurar outro lugar. Mas teve muitas histórias... Tinha briga porque as pessoas achavam que podiam fazer o que quisessem, e a gente evitava coisas com drogas. A gente sempre evitou, nunca aceitou isso, drogas, e nem sexo, né? A gente nunca aceitou isso lá. Então era uma coisa assim, que eles se sentiam muito... os gays mais tranquilos se sentiam muito bem lá e então eles tinham assim como se nós fossemos os pais deles, porque no caso a gente estava junto nessa época, aí eles tinham muito respeito, sabe? E quando eles faziam alguma coisa errada era muito engraçado: a gente colocava eles de castigo, sem entrar na casa. Menina, eles ficavam lá na porta, chorando, querendo entrar, igual criança, era muito engraçado! Era muito, muito incrível lá! E depois começou o pessoal mesmo a ajudar, a levar aparelho de som, levaram um monte de coisas. Aí começamos a organizar uma cabine de som, aí o Mário chegou, e desde sempre foi o Mário.

**[Thamires Trianon] Era mais um bar que uma boate?**

[Conceição Drummond] É, era, mas antes era mais um barzinho mesmo. A pessoa entrava, escutava música assim e tal, mas nós começamos com radinho de pilha. Depois que teve uma mudança pra disco, depois teve aquela máquina de música que botava a fichinha com aqueles disquinhos, aí que começou a montar a cabine de som direitinho e tal.

**[Thamires Trianon] E quando vocês vieram pra cá, essa casa enorme perto daquela lá deve ter sido...**

[Conceição Drummond] Aquela era bem grande também só que o espaço era assim, um espaço único, né? Mas era bem grande, nossa mãe! Cabia muita gente porque era debaixo

do prédio todinho, até o outro lado... você vê a distância que tem de uma rua para outra, da Álvaro Alvim pra Cinelândia

**[Thamires Trianon] É um bom pedaço...**

[Conceição Drummond] É porque ali ia ser a abertura do metrô, ia ser uma entrada, uma saída do metrô, e eles fecharam, então ficou aquela galeria com a parede.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGÊNCIA PT. Projeto que substitui Lei Rouanet está parado no Congresso. In: \_\_\_\_\_. FEV, 2016. Disponível em: <<http://www.pt.org.br/projeto-que-substitui-lei-rouanet-esta-parado-no-congresso/>>. Acesso em: 13 de junho de 2016.

AGUIAR, Ramon Santana de. Espaço teatral e transversalidade. In: Congresso de Pesquisa e Pós-Graduação em Artes Cênicas, VI, 2010, São Paulo. Anais. Disponível em: <<http://www.portalabrace.org/vicongresso/pedagogia/Ramon%20Santana%20de%20Aguiar%20-%20Espa%20E7o%20teatral%20e%20transversalidade.pdf>>. Acesso em: 20 de junho de 2016.

ALICIA VIKANDER já está no Brasil e vai ao Buraco da Lacreia, no Rio. In: Revista Eletrônica RG. MAI, 2016. Disponível em: <<http://siterg.uol.com.br/gossip/2016/05/26/alicia-vikander-ja-esta-no-brasil-e-vai-ao-buraco-da-lacreia-no-rio/#1>>. Acesso em: 11 de junho de 2016.

ALVES, Patrícia. O Poder do Pink Money. In: ISTOÉ Dinheiro. MAI, 2013. Disponível em: <<http://www.istoedinheiro.com.br/noticias/negocios/20060621/poderoso-mercado-gay/15861.shtml>>. Acesso em: 11 de junho de 2016.

BECKER, Alexandre. “Flores contra a Ditadura”. Revista H MAGAZINE. Ed. Mix Brasil. n. 11. JUN, 2013. p. 94.

BENITEZ, Maria Elvira Diaz. Buraco da Lacreia: Interações de raça, classe e gênero. IN: VELHO, Gilberto (org.). 2007. Rio de Janeiro: cultura, política e conflito. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 128-155.

BOURDIEU, Pierre. Gostos de classe e estilos de vida. In: ORTIZ, R. (org.). Pierre Bourdieu: sociologia. São Paulo: Ática, 1994b, p. 82-121.

BRASIL. Decreto-lei nº 9.215, de 30 de abril de 1946. Proíbe a prática ou exploração de jogos de azar em todo o território nacional. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto-lei/De19215.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/De19215.htm)>. Acesso em: 9 de abril de 2016.

BRASIL. Lei nº 8.313, de 23 de dezembro de 1991. Restabelece princípios da Lei nº 7.505, de 2 de julho de 1986, institui o Programa Nacional de Apoio à Cultura (Pronac) e dá outras providências. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L8313cons.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8313cons.htm)>. Acesso em: 9 de abril de 2016.

BURACO da Lacreia Cabaré on Ice. Facebook. In: \_\_\_\_\_. JUN, 2014. Disponível em: <<https://www.facebook.com/buracodalacraiacabareonice/photos/a.1437768146482271.1073741828.1436519303273822/1438391563086596/?type=3&theater>> . Acesso em: 13 de junho de 2016.

BURACO da Lacreia Cabaré on Ice na Gamboa. In: Blogs O GLOBO. FEV, 2015. Disponível em: <<http://blogs.oglobo.globo.com/saideira/post/buraco-da-lacreia-cabare-on-ice-na-gamboa-560278.html>>. Acesso em: 20 de maio de 2016.

CANTOR Johnny Hooker se apresenta no Circo Voador. In: Jornal O DIA. OUT, 2015. Disponível em: <<http://odia.ig.com.br/diversao/2015-10-30/cantor-johnny-hooker-se-apresenta-no-circo-voador.html>>. Acesso em: 20 de maio de 2016.

CASTELLANO, Mayka. Distingão pelo “mau gosto” e estética trash: quando adorar o lixo confere status. Comunicação & Sociedade, ISSN Impresso: 0101-2657 • ISSN Eletrônico: ISSN 2175-7755. Ano 32, n. 55, p. 153-174, jan./jun. 2011. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/CSO/article/view/2136/2503>>. Acesso em: 20 de junho de 2016.

COLAÇO, Rita. “Os sombrios anos da peste gay”. In: Memória/História MHB-MLGBT. NOV, 2012. Disponível em: <<http://memoriamhb.blogspot.com.br/2012/11/os-sombrios-anos-da-pesto-gay.html>>. Acesso em: 9 de abril de 2016.

COUTINHO, Genilson. “A Banda da Carlos Gomes”. Revista H MAGAZINE. Ed. Mix Brasil. n. 9. ABR, 2013. p. 94-95.

DIAS, Felipe. Gayvota. Revista H MAGAZINE. Ed. Mix Brasil. n. 8. MAR, 2013. p. 94-95.

ENCICLOPÉDIA ITAÚ CULTURAL. Intervenção. In: \_\_\_\_\_. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo8882/intervencao>>. Acesso em: 11 de junho de 2016.

FACCHINI, Regina. Histórico da luta de LGBT no Brasil. In: Site do Conselho Regional de Psicologia-SP. São Paulo. [20--]. Disponível em: <[http://www.crpsp.org.br/portal/comunicacao/cadernos\\_tematicos/11/frames/fr\\_historico.a\\_spx](http://www.crpsp.org.br/portal/comunicacao/cadernos_tematicos/11/frames/fr_historico.a_spx)>. Acesso em: 9 de abril de 2016.

FILHO, Helio. “Lá na HS”. Revista H MAGAZINE. Ed. Mix Brasil. n. 7. FEV, 2013 p. 94.

FRANÇA, Isadora Lins. “Cercas e Pontes: o movimento GLBT e o mercado GLS em São Paulo”. 2006. 254 f. Dissertação. Mestrado em Ciência Social (Antropologia Social) - Universidade de São Paulo. São Paulo, p. 41, 2006.

GALHARDO, Ricardo. “Apesar da chuva, Parada Gay de São Paulo reúne 4 milhões”. In: IG - Último Segundo. JUN, 2011. Disponível em: <<http://ultimosegundo.ig.com.br/brasil/sp/apesar+da+chuva+parada+gay+de+sao+paulo+rune+4+milhoes/n1597047897559.html>>. Acesso em: 20 de junho de 2016.

GAMBOA recebe 'Buraco da Lacreia Dance Show'. In: Catraca Livre. ABR, 2013. Disponível em: <<https://catracalivre.com.br/rio/agenda/barato/gamboa-recebe-buraco-da-lacreia-dance-show/>>. Acesso em: 20 de maio de 2016.

GASPAR, Alexandre Ferreira. “Parada do orgulho gay: Um pouco da história, dicas do que vestir, maquiagens e fantasias. In: Fashion Bubbles. JUN, 2009. Disponível em: <<http://www.fashionbubbles.com/festas-tematicas/parada-do-orgulho-lgbt-de-sao-paulo-o-que-vestir/>>. Acesso em: 11 de junho de 2016.

GIL, Gilberto; PORTA, Paula. Economia da cultura. In: Folha de São Paulo. São Paulo. FEV, 2008. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniaofz0302200809.htm>>. Acesso em: 26 de abril de 2016.

GORGULHO, Luciane Fernandes. et al. A economia da cultura, o BNDES e o desenvolvimento sustentável. BNDES Setorial, n. 30, p. 299-355. Rio de Janeiro: BNDES, 2009. Disponível em: <[http://www.bndes.gov.br/SiteBNDES/export/sites/default/bndes\\_pt/Galerias/Arquivos/conhecimento/bnset/set3007.pdf](http://www.bndes.gov.br/SiteBNDES/export/sites/default/bndes_pt/Galerias/Arquivos/conhecimento/bnset/set3007.pdf)>. Acesso em: 26 de abril de 2016.

JANCOVICH, Mark. Cult fictions: cult movies, subcultural capital and the production of cultural distinctions. *Cultural Studies*, v. 16, n. 2, p. 306-322, 2002.

JUNGMANN, Mariana. “Tragédia da Boate Kiss completa três anos sem presos ou indenização a familiares”. In: Agência Brasil. JAN, 2016. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2016-01/tragedia-da-boate-kiss-completa-tres-anos-sem-presos-ou-indenizacao-familias>>. Acesso em: 26 de abril de 2016.

LAMPIÃO DA ESQUINA. Rio de Janeiro: Lampião, edição experimental, ano 0, n.0, abril de 1978. 16 p.

LAMPIÃO DA ESQUINA. Rio de Janeiro: Lampião, edição 1, 25 de maio a 25 de junho de 1978. 16 p.

LAMPIÃO DA ESQUINA. Rio de Janeiro: Lampião, edição extra 1, ano 1, dezembro de 1979. 24p.

LIMA, Edu; STEFFEN, Lufe. São Paulo em Hi-Fi. [Filme – Vídeo]. Produção de Edu Lima, direção de Lufe Steffen. São Paulo. Cigano Filmes. 2013. 95 min. color. son.

LOPES, Denílson. O homem que amava rapazes e outros ensaios. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2002.

MACRAE, Edward. A construção da igualdade – identidade sexual e política no Brasil da abertura. Campinas: Unicamp, 1990. \_\_\_\_\_. “Em defesa do gueto”. In: GREEN, J.; TRINDADE, R. (Org.). *Homossexualismo em São Paulo e outros escritos*. São Paulo: Unesp, 2005.

MARINHO, Julio. “Cabaret Casanova: o fim de uma era”. In: Blog Nossos Tons. AGO, 2011. Disponível em: <<https://nossostons.wordpress.com/2011/08/08/cabaret-casanova-o-fim-de-uma-era/>>. Acesso em: 9 de abril de 2016.

MARINHO, Julio. “Saudosa boate ‘O Boêmio’”. In: Blog Nossos Tons. OUT, 2011. Disponível em: <<https://nossostons.wordpress.com/2011/10/30/saudosa-boate-o-boemio/>>. Acesso em: 9 de abril de 2016

MIGUEZ, Paulo. Plano da Secretaria da Economia Criativa: políticas, diretrizes e ações, 2011 – 2014. p. 105. Brasília: Ministério da Cultura, 2011. Disponível em: <<http://www.cultura.gov.br/documents/10913/636523/PLANO+DA+SECRETARIA+DA+ECONOMIA+CRIATIVA/81dd57b6-e43b-43ec-93cf-2a29be1dd071>>. Acesso em: 26 de abril de 2016.

MORAES, Eduardo. “Mundo LGBT: Em festa lotada, Grupo Arco-íris entrega o 13º Prêmio de Direitos Humanos”. In: Em Neon. DEZ, 2014. Disponível em: <<http://www.emneon.com.br/2014/12/mundo-lgbt-em-festa-lotada-grupo-arco.html#.V27jeLgrLIU>>. Acesso em: 11 de junho de 2016.

MORRE transformista Laura de Vison. In: O GLOBO Online. JUL, 2007. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/cultura/morre-transformista-laura-de-vison-4175853>>. Acesso em: 9 de abril de 2016.

MOURA, Anderson. “Divando no Boêmio Cabaret e Cabaré Casanova”. In: Blog Aquendendo. JUL, 2014. Disponível em: <<http://aquendendo.blogspot.com.br/2014/07/divando-no-boemio-cabaret-e-cabare.html>>. Acesso em: 9 de abril de 2016.

MULLER, Lara. “Playground Bar e Alê Youssef apresentam ‘O Buraco da Lacraia – Show’”. In: Cool Magazine. OUT, 2014. Disponível em: <<http://coolmagazine.com.br/playground-bar-e-ale-youssef-apresentam-o-buraco-da-lacraia-show/>>. Acesso em: 11 de junho de 2016.

NADAIS, Catarina; SANTOS, Norberto. (2012). O lazer, o erotismo e a sociedade contemporânea. Revista de Geografia e Ordenamento do Território, n.º 1 (Junho). Centro de Estudos de Geografia e Ordenamento do Território. Pág. 143 a 163. Disponível em: <<http://cegot.org/ojs/index.php/GOT/article/viewFile/27/9>>. Acesso em: 9 de abril de 2016.

O LA CUEVA. IN: Site oficial da boate La Cueva. Disponível em: <<http://www.boatelacueva.com.br/p/o-la-cueva.html#.Vwm8l6QrLIV>>. Acesso em: 9 de abril de 2016.

O PODEROSO mercado gay. In: ISTOÉ Dinheiro. JUN, 2006. Disponível em: <<http://www.istoedinheiro.com.br/noticias/negocios/20060621/poderoso-mercado-gay/15861.shtml>>. Acesso em: 11 de junho de 2016.

REGIS. “A Cena gay de São Paulo em Dois Atos”. In: Blog Grisalhos – Comunicação e Sexualidade. NOV, 2013. Disponível em: <<https://grisalhos.wordpress.com/2013/11/07/a-cena-gay-de-sao-paulo-em-dois-atos/>> . Acesso em: 9 de abril de 2016

RIBEIRO, Carolina. Buraco filme do porta dos fundos. Jornal O GLOBO. Rio de Janeiro. 1 nov. 2015. Revista O GLOBO, p. 20-22.

SANTOS, Joaquim Ferreira dos. Jornal O GLOBO. Rio de Janeiro. 20 mar. 2013. Segundo caderno, p. 3.



SONTAG, Susan. Notas sobre o camp. In: \_\_\_\_\_. Contra a interpretação. Porto Alegre: L&PM, 1987. p. 318-337.

STAR'S Club – Buraco da Lacreia. [2010?]. Disponível em: <<http://www.timeout.com.br/rio-de-janeiro/gls/venues/492/stars-club-buraco-da-lacreia>>. Acesso em: 20 de junho de 2016.

STEFFEN, Lufe. “Quando clube era boate!”. Revista H MAGAZINE. Ed. Mix Brasil. n.3. JUL/AGO, 2012. p. 94.

TEIXEIRA, Rafael. Buraco da Lacreia Dance Show. In: Veja Rio. MAR, 2014. Ed. Abril. Disponível em: <<http://vejario.abril.com.br/materia/baladas/buraco-da-lacreia-dance-show>>. Acesso em: 11 de junho de 2016.

VEJA como foi a primeira Parada LGBT do Brasil feita há 20 anos. In: Guia Gay São Paulo. JUN, 2015. Disponível em: <<http://www.guiagaysaopaulo.com.br/1/n--veja-como-foi-a-primeira-parada-lgbt-do-brasil-feita-ha-20-anos--27-06-2015--1488.htm>>. Acesso em: 20 de junho de 2016.

VELOSO. Caetano. “Americanos”. In.: Circuladô Vivo. Polygram, c1992. 1 LP. Faixa 2 (3 min e 24).

VIDA Noturna em Rio de Janeiro. In: Trip advisor. [2016]. Disponível em: <[https://www.tripadvisor.com.br/Attractions-g303506-Activities-c20-Rio\\_de\\_Janeiro\\_State\\_of\\_Rio\\_de\\_Janeiro.html](https://www.tripadvisor.com.br/Attractions-g303506-Activities-c20-Rio_de_Janeiro_State_of_Rio_de_Janeiro.html)>. Acesso em: 11 de junho de 2016.

VIRADA Cultural: saiba tudo sobre o evento. ABR, 2014. In: Veja SP. Ed. Abril. Disponível em: <<http://vejasp.abril.com.br/materia/virada-cultural-programacao>>. Acesso em: 15 de maio de 2015.

WREDE, Catharina. Buraco da Lacreia: um inferninho na Lapa que se tornou pop. O GLOBO, Rio de Janeiro, 13 mai. 2014. Segundo Caderno, p.16.